

UFMG

FaE
Faculdade de Educação



EDUCAÇÃO INTEGRAL/EDUCAÇÃO INTEGRADA E(M) TEMPO INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**Mapeamento das experiências de jornada escolar
ampliada no Brasil: Estudo Qualitativo**

BELO HORIZONTE - MG

**UFMG
AGOSTO DE 2010**

EXPEDIENTE

MEC

Ministro de Estado da Educação

Fernando Haddad

Secretário Executivo

José Henrique Paim Fernandes

SECAD

André Lazaro

Diretoria Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania (DEIDHUC)

Jaqueline Moll

Equipe da pesquisa na UFMG

Lúcia Helena Alvarez Leite - Professora Doutora

Tânia de Freitas Resende - Professora Doutora

Elvira Maria Alvarez Leite - Mestre em Educação

Marília Barcellos Guimarães - Mestre em Psicologia

Levindo Diniz Carvalho – Doutorando em Educação

Fernanda Silva de Oliveira – Mestranda em Educação

Kassiane dos Santos Oliveira – Graduada em Pedagogia

Natália Fraga Carvalhais - Graduada em Pedagogia

Paulo Felipe Lopes de Carvalho - Graduando em Geografia

Mayara Azevedo Martins – Graduada em Pedagogia

Bárbara Bruna Moreira Ramalho - Graduada em Pedagogia

Equipe responsável pelo trabalho de campo de Belo Horizonte

Lúcia Helena Alvarez Leite - Professora Doutora

Tânia de Freitas Resende - Professora Doutora

Elvira Maria Alvarez Leite - Mestre em Educação

Marília Barcellos Guimarães - Mestre em Psicologia

Levindo Diniz Carvalho – Mestre e Doutorando em Educação

Kassiane dos Santos Oliveira – Graduada em Pedagogia

Natália Fraga Carvalhais - Graduada em Pedagogia

Paulo Felipe Lopes de Carvalho - Graduando em Geografia

Mayara Azevedo Martins – Graduada em Pedagogia

Elaboração do relatório de Belo Horizonte

Lúcia Helena Alvarez Leite - Professora Doutora

Projeto Gráfico, Diagramação, Revisão de texto e formatação

Luiz Prazeres – Professora Doutora

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE.....	4
2.1 – O MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE	4
2.2 – A REALIDADE EDUCACIONAL DE BELO HORIZONTE	5
3. A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL COMO POLÍTICA PÚBLICA MUNICIPAL.....	8
3.1 – A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NA REDE MUNICIPAL: A ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO	10
3.1.1 – <i>Avanços</i>	15
3.1.2 – <i>Desafios</i>	17
3.2 – O PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA	20
3.2.1 – <i>A Matriz Curricular</i>	23
3.2.2 – <i>Os sujeitos envolvidos no Programa Escola Integrada</i>	24
3.2.3 – <i>O uso dos espaços</i>	25
3.2.4 – <i>O funcionamento do Programa</i>	26
3.2.5 – <i>Gestão e financiamento</i>	27
3.3 – A ESCOLA INTEGRADA NA PRÁTICA: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA MUNICIPAL PAULO FREIRE	28
3.4 – AVANÇOS E DESAFIOS	34
3.4.1 – <i>O acesso aos espaços culturais da cidade</i>	34
3.4.2 – <i>Ações intersetoriais na política pública</i>	35
3.4.3 – <i>Os espaços do bairro como territórios educativos</i>	37
3.4.4 – <i>A construção de uma rede de parcerias</i>	39
3.4.5 – <i>A interação da Escola Integrada ao Projeto Político Pedagógico das escolas municipais</i>	40
3.4.6 – <i>Os educadores dos projetos: os professores e a presença de novos perfis profissionais</i>	41
3.4.7 – <i>A Educação Integral como direito</i>	43
4. REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

A opção por realizar a etapa qualitativa da pesquisa no município de Belo Horizonte se justificou, principalmente, pelo fato de que a política de educação integral implementada pela Secretaria Municipal de Educação – o programa Escola Integrada – vem se consolidando como uma referência nacional para a política de ampliação da jornada escolar brasileira, inclusive para o Ministério da Educação.

Na capital mineira, essa experiência ocorre em uma quantidade significativa de escolas, atendendo, dessa maneira, um grande número de alunos do 1º ao 9º ano. Dentre as principais características do programa Escola Integrada de Belo Horizonte, observadas na pesquisa quantitativa, destacam-se, entre outras: a centralidade da escola na coordenação da experiência; a vinculação das atividades ao projeto político-pedagógico; a extensão da jornada escolar para oito ou mais horas diárias durante os cinco dias da semana; a grande diversidade de atividades; os espaços oferecidos e os atores responsáveis pelo desenvolvimento dessas atividades junto aos alunos; além da diversidade de parcerias estabelecidas entre a escola/comunidade e a Secretaria de Educação e demais Secretarias Municipais.

A pesquisa de campo em Belo Horizonte foi realizada ao longo do segundo semestre de 2009 e o primeiro semestre de 2010. No quadro a seguir, são apresentados o cronograma de execução e as atividades realizadas nesse intervalo de tempo.

Quadro 1
Cronograma e atividades realizadas

Período: 2º semestre de 2009 e 1º semestre de 2010	Atividades realizadas
19/05 e 24/05/2010	<ul style="list-style-type: none">Entrevista com a Secretária de Educação, Macaé Maria Evaristo.
28/10/2009	<ul style="list-style-type: none">Entrevista com a Coordenadora de Projetos Especiais do Programa Escola Integrada (SMED-BH), Neuza Maria.Entrevista com uma das integrantes da equipe coordenadora do Programa Escola Integrada, responsável pelo acompanhamento das escolas (SMED-BH), Elisabete.
24/03/2010	<ul style="list-style-type: none">Grupo de discussão com professores comunitários de escolas com o Programa Escola Integral, representantes de cada regional da cidade (realizado na SMED-BH).Grupo de discussão com agentes culturais e estagiários do Programa Escola Integrada (realizado na SMED-BH).
23 a 28/11/2009	Visita à Escola Municipal Paulo Freire: Programa Escola Integrada <ul style="list-style-type: none">Entrevista com a diretora da escola.Entrevista com a professora comunitária, responsável pela coordenação do Programa Escola Integrada.Entrevista com alunos.Grupo de discussão com os agentes culturais.Grupo de discussão com pais e funcionários.Observação e participação de atividades do Programa.
12/05/2010 17/05/2010 19/05/2010	Visita à Escola Municipal Osvaldo Cruz: Programa Escola Integrada ¹ <ul style="list-style-type: none">Entrevista com a diretora da escola.Entrevista com a professora comunitária, responsável pela coordenação do Programa Escola Integrada.Entrevista com alunos e dois oficinairos.
22/10/2009 09/11/2009 05/03/2010	Visita à Escola Municipal Monteiro Lobato: Escola de Tempo Integral <ul style="list-style-type: none">Entrevista com a diretora da escola.Entrevista com a coordenadora pedagógica do turno da manhã.Entrevista com dois pais.Grupo de discussão e de produção de desenhos com um grupo de

¹ Por problemas, técnicos, as entrevistas realizadas na E.M. Osvaldo Cruz não puderam ser transcritas, mas as observações realizadas durante a visita, auxiliaram na análise da experiência.

	alunos. <ul style="list-style-type: none">• Visita aos espaços da escola.• Entrevista com duas professoras.
--	--

Nas escolas visitadas, foram feitas observações e registros fotográficos dos espaços e das atividades. Como suportes para as entrevistas e grupos de discussão foram utilizados os roteiros construídos para a pesquisa, adequando-os à realidade de cada escola. Todas as entrevistas foram gravadas. Além das entrevistas e visitas, foram recolhidos documentos na Secretaria Municipal de Educação e nas escolas visitadas.

A partir dos dados coletados, o presente relatório foi elaborado, destacando inicialmente alguns aspectos gerais e educacionais do município de Belo Horizonte. Em seguida, serão apresentadas a trajetória, bem como a análise da construção da educação integral como política municipal. Ao final, serão realizadas algumas considerações, para evidenciar avanços e desafios da experiência de Belo Horizonte, que poderão colaborar para a construção de uma política nacional de educação integral em tempo integral.

Apesar de a pesquisa ter sido realizada em diferentes momentos, deve-se destacar que esse relatório não abarca todos os aspectos envolvidos no desenvolvimento da experiência de Belo Horizonte. A complexidade da dinâmica dessa experiência permite que outros estudos sejam realizados, de maneira a aprofundar as análises sobre outros aspectos, além dos apresentados a seguir.

2. A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

2.1 – O município de Belo Horizonte

Localizada na região Sudeste, a cidade de Belo Horizonte ocupa posição estratégica nos mapas geopolíticos brasileiro e latinoamericano. A sede da capital mineira estende-se sobre uma área de 330,23 Km², sendo cercada pela serra do Curral. Possui um clima predominantemente tropical, basicamente marcado pelo regime sazonal de chuvas; estações úmida, chuvosa e seca.

Belo Horizonte foi planejada e construída para ser a capital política e administrativa do estado de Minas Gerais, no final do século XIX. No início da década de 1990, a cidade torna-se palco de importantes experiências na gestão de políticas públicas municipais, que se traduziram por inúmeros programas e projetos de melhorias urbanas e sociais, com a efetiva participação popular, tais como o Orçamento Participativo, a Escola Plural, o Programa Bolsa-Escola Municipal e o Programa de Saúde da Família.

Nas primeiras décadas do século XXI, Belo Horizonte tem se destacado pelo desenvolvimento terciário da economia: o comércio, a prestação de serviços e a indústria, e, também, vem experimentando sucesso no setor artístico-cultural, principalmente pela políticas públicas e privadas de estímulo desse setor, com a realização de eventos fixos em nível internacional e com o crescimento do número de salas de espetáculos, cinemas e galerias de arte.

Atualmente Belo Horizonte é o sexto município mais populoso do Brasil, com 2.452.617 habitantes, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza e, recentemente, Brasília. A região metropolitana de Belo Horizonte é composta por 34 municípios, com uma população estimada de 5.397.438 habitantes, sendo considerada a terceira maior aglomeração urbana do Brasil.

Sua economia caracteriza-se pelo setor terciário, que representa 80% do seu faturamento. Dentre eles, estão o comércio, os serviços financeiros, as atividades imobiliárias e a administração pública. Os outros 20% são representados pelas indústrias.

Segundo o IBGE, o PIB da capital mineira em 2007 foi de R\$ 32,725 bilhões, o que representou 16% do PIB do Estado, e o PIB *per capita* foi de R\$15.835,00. Belo Horizonte está entre os municípios com melhor infraestrutura do país. Posicionada em um eixo logístico, é servida por uma malha viária e ferroviária que a liga aos principais centros e portos do país.

2.2 – A realidade educacional de Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, o Sistema Municipal de Ensino foi instituído pela Lei nº 7543, de 30 de junho de 1998 e é composto por instituições de educação infantil, fundamental e médio, mantidas pelo poder público municipal; instituições de educação infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada e órgãos municipais de educação, tais como a Secretaria Municipal de Educação e o Conselho Municipal de Educação.

Segundo a Secretaria Municipal de Educação, sua missão é “proporcionar a aprendizagem, formação integral, cidadania, produção de conhecimento, pensamento crítico e autônomo ... desenvolvimento, qualidade de vida e dignidade ... à população belo-horizontina.”² Atualmente, a prefeitura de Belo Horizonte destina 30,5% do seu orçamento à Educação, para que esses objetivos sejam alcançados.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, há, na cidade, uma política de inclusão social que procura atender “prioritariamente às famílias que mais necessitam do ensino público: as de baixa e de média renda que enfrentam problemas sociais e/ou que possuem crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência.”³ Com o Cadastro Escolar, procura garantir a todos o direito de estudar próximo a sua casa.

Com o intuito de criar canais de participação da população, a Secretaria Municipal de Educação conta com conselhos e programas específicos para tornar possível o diálogo com a sociedade. Em cada uma das nove administrações regionais da cidade, há uma gerência de educação que define prioridades locais, a fim de implementar as solicitações dos usuários da rede de ensino e atender também às inúmeras reivindicações e sugestões propostas pela população.

A Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Educação, vem intensificando esforços para ampliar o acesso à educação para todos os segmentos sociais, nas diversas modalidades de ensino. Dentre algumas medidas estão a extensão da jornada escolar, por meio do programa Escola Integrada, a expansão da rede física e a melhoria na qualidade do ensino⁴.

São programas da prefeitura voltados para a educação: Escola Integrada, Programa Primeira Escola, BH sem Analfabetos, ProJovem, BH para Crianças, Transporte Escolar Regular, Inclusão de Pessoas com Deficiência, Kit Escolar e Literário, Literatura Afro, Programa Família-Escola, Escola Aberta, Bolsa Escola Municipal, Cadastro Escolar, Projeto de Ação Pedagógica, Programa Rede pela Paz, Sistema de Gestão Escolar, Inclusão Digital, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, Avaliação BH e Monitoramento da aprendizagem.

² Secretaria Municipal de Belo Horizonte. <http://www.pbh.gov.br/ensino/smed/>

³ PBH. Educação: apresentação. Disponível em <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade>>. Acessado em 21/06/2010.

⁴ PBH. Educação: Programas e Projetos. Disponível em <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade>> . Acessado em 21/06/2010.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) e pela Secretaria Estadual de Educação⁵ (SEE-MG), a capital mineira tem 678 estabelecimentos de Ensino Fundamental, 583 estabelecimentos de Ensino Infantil, 241 escolas de Ensino Médio e 49 instituições de Ensino Superior, como aparece na tabela 01, a seguir:

Tabela 1 – Número de escolas em Belo Horizonte

Descrição	Número de escolas
Ensino Fundamental - 2010	678
Escola pública estadual - 2010	211
-Escola pública federal - 2010	1
Escola pública municipal - 2010	170
Escola privada - 2010	296
Ensino Médio - 2010	241
Escola pública estadual - 2010	121
Escola pública federal - 2010	2
Escola pública municipal - 2010	16
Escola privada - 2010	102
Ensino Pré-escolar - 2010	583
Escola pública estadual - 2010	5
Escola pública federal - 2010	0
Escola pública municipal - 2010	79
Escola privada - 2010	499
Ensino superior - 2010	49
Escola pública estadual - 2010	3
Escola pública federal - 2010	2
Escola pública municipal - 2010	0
Escola privada - 2010	44

Observa-se, na tabela 2, que as matrículas no Ensino Fundamental representam 54,25% daquelas realizadas na cidade. O número de matrículas na Educação Infantil/Pré-escolar representa apenas 7,2% do montante.

Tabela 2 – Número de matrículas nas instituições educacionais de Belo Horizonte

Descrição	Número de matrículas
Ensino Fundamental - 2010	328.882
Escola pública estadual - 2010	134.415
Escola pública federal - 2010	686
Escola pública municipal - 2010	130.531
Escola privada - 2010	63.250
Ensino Médio - 2010	103.280

⁵ Ambos nos dias 21/06/2010.

Descrição	Número de matrículas
Escola pública estadual – 2010	74.290
Escola pública federal – 2010	2.040
Escola pública municipal – 2010	5.721
Escola privada – 2010	21.229
Ensino Pré-escolar – 2010	43.566
Escola pública estadual - 2010	805
Escola pública federal – 2010	0
Escola pública municipal - 2010	18.112
Escola privada – 2010	24.649
Ensino Superior – 2010	130.479
Escola pública estadual – 2010	3.389
Escola pública federal – 2010	23.332
Escola pública municipal - 2010	0
Escola privada – 2010	103.758

O total de docentes registrados na capital mineira é de 34.635, sendo a sua grande maioria atuante no Ensino Fundamental, 15.095; seguida pelo Ensino Superior, 10.333 profissionais. O segmento com menor absorção de professores é o que se destina à Educação Infantil/Pré-escola, por representar o menor número de estabelecimento de ensino.

Tabela 3 – Número de docentes por segmento de ensino

Descrição	Nº de docentes
Ensino Fundamental – 2010	15.095
Escola pública estadual - 2010	5.967
Escola pública federal – 2010	47
Escola pública municipal – 2010	5.133
Escola privada – 2010	3.948
Ensino médio – 2010	5.976
Escola pública estadual – 2010	3.606
Escola pública federal – 2010	297
Escola pública municipal - 2010	285
Escola privada – 2010	1.788
Ensino pré-escolar – 2010	3.231
Escola pública estadual – 2010	43
Escola pública federal – 2010	0
Escola pública municipal - 2010	1.487
Escola privada – 2010	1.701
Ensino superior – 2010	10.333
Escola pública estadual - 2010	495
Escola pública federal – 2010	2.751
Escola pública municipal - 2010	0

Escola privada – 2010	7.087
-----------------------	-------

O IDEB observado na rede municipal de ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental é de 4,4 e nos anos finais 3,4.⁶ A média do IDEB de todos os municípios brasileiros é de 4,0 nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 3,4 nos anos finais do mesmo segmento. Belo Horizonte está dentro da média, entretanto, vale lembrar que a meta nacional e municipal é de 6,0 - a ser atingida no ano de 2022.

Tabela 4 – IDEBs observados em 2005, 2007 e Metas para rede Municipal – BELO HORIZONTE

Ensino Fundamental	IDEB Observado		Metas Projetadas							
	2005	2007	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Anos Iniciais	4,6	4,4	4,6	5,0	5,4	5,6	5,9	6,1	6,4	6,6
Anos Finais	3,7	3,4	3,7	3,8	4,1	4,5	4,9	5,1	5,4	5,6

Fonte: www.mec.gov.br, Prova Brasil e Censo Escolar, acessado em 21/06/2010

Segundo dados do INEP, em 2009 houve um aumento considerável do IDEB de Belo Horizonte, o qual passou para 5,3 nos anos iniciais do Ensino Fundamental, superando a meta, e 3,8 para os anos finais do Ensino Fundamental, atingindo o índice previsto para esse ano.

3. A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL COMO POLÍTICA PÚBLICA MUNICIPAL

A reflexão sobre uma educação integral, centralizada nos sujeitos, na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, ganha força na década de 1990, com a implantação do Programa Escola Plural.

Nos seus oito eixos norteadores, a Escola Plural propunha:

- Intervenção coletiva mais radical;
- Sensibilidade para a totalidade da formação humana;
- Escola como tempo de vivência cultural;
- Escola como experiência de produção coletiva;
- Virtualidades educativas da materialidade da escola;
- Vivência de cada idade de formação sem interrupção;
- Socialização adequada de cada idade-ciclo de formação; e
- Nova identidade da escola, nova identidade profissional.

O Programa Escola Plural trouxe uma série de desafios para a rede municipal de ensino, entre eles garantir a universalização do ensino, meta perseguida na década de 1990. A experiência foi avaliada quando dos seus 10 anos de implantação e, nesse processo, surgiram novas

⁶ Fonte: www.inep.gov.br, dados referentes ao ano de 2007. Acesso em: 20/06/2010.

demandas, como informa a Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte, professora. Macaé Evaristo:

Em 2004, quando venho para a Secretaria, como Gerente de Articulação da Política de Educação, estávamos fazendo 10 anos de implantação, de 94 a 2004, e eu fiquei responsável aqui na Secretaria por fazer uma sistematização do que a rede tinha mudado nesses 10 anos, refletir um pouco sobre como tinha sido esse processo, as mudanças na rede. (..) Nós desenvolvemos um documento chamado Panorama da Rede Municipal, em que levantamos alguns indicadores desses 10 anos – aqueles possíveis de a gente reconstituir a informação, por exemplo: crescimento do número de alunos nas várias etapas e níveis da educação básica, como dados de distorção de idade nos vários ciclos, dados de atendimento a crianças com deficiência e que gerou a publicação Panorama da Educação Municipal, que dava um pouco os contornos da educação no município nos 10 anos após a implantação da Escola Plural e numa perspectiva de constituir, na Secretaria, um marco de alguns indicadores que, a partir de então, gerou uma cultura de monitoramento da informação. (...) Nesse processo de avaliação de avanços e desafios da rede, algumas coisas ficavam muito fortes, não foi só o processo de olhar um pouco a história, mas a própria cidade fazia um debate importante da Educação Infantil – uma demanda cada vez maior pelo atendimento da infância. Se você vê os documentos do programa, você vê um foco muito grande no Ensino Fundamental – a questão da Educação Infantil não aparece com essa evidência nesse contexto porque se tinha um cenário que nem no Ensino Fundamental você tinha garantia de acesso.

Ainda segundo a professora Macaé, a necessidade de ampliação da jornada escolar surge nesse debate e é concretizada através de um Projeto de Lei proposto por um vereador e aprovado pela Câmara Municipal:

Então, é claro que 10 anos depois de universalizado o Ensino Fundamental, a própria cidade já começasse a colocar demandas de atendimento da Educação Infantil e uma outra questão era se começar a pensar numa ampliação do tempo do Ensino Fundamental – pois já se coloca essa questão do pouco tempo em atividades educativas de crianças e adolescentes. É preciso destacar um Projeto de Lei, de autoria do vereador Arnaldo Godoy, que cria a ampliação da jornada escolar na rede municipal de BH, um projeto que provocou muito debate num primeiro momento, não foi homologado, voltou à Câmara para uma série de negociações, para que a lei fosse homologada. (...) Fala de uma ampliação progressiva, mas que começaria também a ampliar a jornada escolar dos estudantes dos vários ciclos. A lei foi homologada pelo então prefeito Fernando Pimentel.

Buscando atender às exigências da lei, a Secretaria propõe uma primeira experiência de ampliação da jornada escolar através da criação de uma escola de tempo integral: a Escola Municipal Monteiro Lobato.

Posteriormente, tendo como referência alguns projetos desenvolvidos com jovens da Rede Municipal, como a Rede do 3º Ciclo e experiências de outros municípios como o Bairro-Escola, de Nova Iguazu, a SMED implanta o programa Escola Integrada.

3.1 – A experiência de uma escola de tempo integral na rede municipal: a Escola Municipal Monteiro Lobato

A Escola Municipal Monteiro Lobato (EMML) foi a primeira escola de educação infantil de tempo integral da rede municipal, atendendo a todos os alunos em um turno único de dez horas e dez minutos diários, nos cinco dias da semana.

Foi inaugurada no dia 09 de março de 2005, no bairro São Marcos, na região Nordeste de Belo Horizonte, um local de padrão popular, devido à sua população ter uma renda média inferior a cinco salários mínimos. É considerado como uma região de vulnerabilidade social.

Para a EMML funcionar como escola de tempo integral, a antiga Escola Municipal Presidente Humberto Castelo Branco foi reformada, com seu espaço físico ampliado, recebendo a nova denominação pela lei nº 8.975/04, com publicação no Diário Oficial do Município de 29/11/2004.

A escola tem um terreno muito grande, de 8.000 m², cuja área total construída é de 1.655 m², distribuída em quatro blocos. No bloco 1, estão as dependências administrativas da escola, a biblioteca, o refeitório e a cozinha. No segundo e terceiros blocos, estão as salas de aula da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, respectivamente. No bloco 4, se encontram o laboratório de informática, a sala de artes/laboratório de ciências, o auditório, os vestiários masculino e feminino.

Todos esses espaços são bem estruturados e adaptados para atender a deficientes físicos e a pessoas com dificuldade de locomoção. As salas de aula são amplas, arejadas e mobiliadas de acordo com o público atendido: crianças de 03 a 9 anos. Além das salas de aula, a escola oferece diversos outros espaços de recreação, alguns ao ar livre, como em parquinhos, minipalcos, casinhas de brincar, além de uma horta onde as crianças desenvolvem atividades de educação ambiental.

A biblioteca é grande, tem um acervo variado, e é bem aparelhada. O laboratório de informática também é bastante grande e arejado, tem 20 computadores e impressora. Já o laboratório de ciências ainda não foi totalmente equipado. O auditório é amplo, com 100 cadeiras. A quadra poliesportiva é grande e coberta, sendo um dos espaços mais utilizados na escola.

Em 2009, a escola atendeu a 276 crianças de três a nove anos, sendo 130 na Educação Infantil e 146 em seis turmas do primeiro Ciclo do Ensino Fundamental. Os critérios para preenchimento das vagas em caráter prioritário são, por ordem: crianças em vulnerabilidade social e seus irmãos; crianças portadoras de necessidades especiais, não ultrapassando 16% por turma; crianças sob medida de proteção. O restante das vagas é distribuído da seguinte forma: 70% para crianças com vulnerabilidade social determinada pelo NIR (Núcleo Intersectorial Regional); 10% sorteio entre os que moram num raio de 1 km da escola, no município de Belo Horizonte; 20% sorteio público para todas as crianças não contempladas nesses critérios .

Assim, do público atendido, em torno de 30% é morador das redondezas e o restante advém de outros bairros populares próximos à escola. Segundo relatos, a maioria das crianças atendidas pela escola é filha de trabalhadores que têm uma renda média de um salário mínimo. Muitas das famílias atendidas estão inscritas no cadastro único do Governo Federal e recebem benefícios como Bolsa Família e Bolsa Escola.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola baseia-se na compreensão da criança como um sujeito sócio-histórico-cultural, fundamentando-se nas teorias sociointeracionistas de Wallon, Piaget e Vygotsky, sobre o processo de construção e de apropriação do conhecimento, que considera a importância da relação adulto-criança e entre pares nesse processo. Apoiar-se na concepção de infância como um tempo em si, e não de "preparação para", *um tempo em que a criança deve viver como sujeito de cultura e de direitos.*

A concepção de inclusão, objetivando igualdade, valorização e respeito à pessoa humana como sujeito de direitos, é norteadora do trabalho em todas as áreas do conhecimento e nas múltiplas vivências de cada criança na escola. Nesse sentido, buscam construir um olhar sensível à diversidade (cultural, étnico-racial, de gênero) considerando, no seu Projeto Político-Pedagógico, a formação, discussão, e a elaboração de atividades permanentes sobre as relações étnico-raciais e a diversidade cultural.

A perspectiva da EMMML é romper com as dicotomias entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, e entre o educar e o cuidar. Assim, o seu projeto pedagógico tem por princípio básico a proposta de continuidade do cuidar, do educar e do brincar, trabalhados de forma articulada, dos 3 até os 9 anos de idade, considerando a integração dos aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais dos educandos. Visa ao desenvolvimento da criança, à construção da identidade autônoma, crítica e cidadã, e à sua inserção social por meio da oferta de interações e de práticas sociais diversas, e de condições de aprendizagens, assim como do contato com elementos de culturas variadas.

O PPP propõe a flexibilidade de currículo, de enturmações e dos tempos dos alunos. A proposta da flexibilidade curricular fundamenta-se numa visão mais ampla de currículo, que não se restringe à listagem de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Assim, segundo esse projeto político-pedagógico,

não há, um "tempo de estudar" e um "tempo de brincar", um tempo de "aula" e um tempo de "lazer" considerados de forma estanque e rígida, uma vez que a educação da criança se constroi na interface existente entre os processos de socialização, informação, brincadeira, cuidado.

Nessa perspectiva, a estrutura curricular da escola se organiza em torno de algumas dimensões consideradas essenciais para a formação das crianças: brincadeiras, literatura, artes plásticas, iniciação musical, identidade, educação matemática, artes manuais, corpo e movimento, alfabetização com letramento, inclusão digital, teatro, educação ambiental, memória, cidadania, espaço e tempo... Essas dimensões não são vistas de forma estanque, isoladas umas das outras, mas interrelacionando-se em direções diversas e compondo uma estrutura curricular em rede.

A organização do trabalho escolar também resguarda certa flexibilidade, tanto no que se refere aos tempos dos educadores quanto dos alunos e suas enturmações, com vistas a estabelecer a integração entre essas diversas dimensões formativas, levando em consideração todos os momentos do cotidiano e as diferentes necessidades das crianças.

Assim, a organização dos tempos das crianças na escola se desdobra nos tempos do educar, do brincar e do cuidar, considerando todas as ocasiões como momentos de aprendizagem, de socialização e de vivências significativas. Leva em consideração a sua proposta pedagógica e curricular, tendo como referência as especificidades de uma escola de tempo integral, a necessidade de realização de atividades diversificadas no cotidiano escolar e a existência de atividades diárias de rotina.

Os tempos na escola são estruturados em torno de algumas atividades de rotinas essenciais, para além dos momentos em sala de aula, configurados pela alimentação, pela higiene e pela recreação: o café da manhã (de 07 h 10 min às 07h 20 min), os recreios (de 09 h 40 min às 10 h e de 15h 10 min às 15 h 30 min), caqui os lanches (de 09 h 30 min às 09 h 40 min e de 15 às 15h e 10 min) e banhos (variam de 13 às 16 h, dependendo do dia e da turma), o almoço (de 11 h 30 min às 12 h) e o jantar (de 17 às 17 h 20 min).

Os momentos em sala de aula são voltados para o desenvolvimento do currículo básico da escola que, no Ensino Fundamental, compreende as seguintes disciplinas: matemática, português, geografia, história e ciências - chamadas de "aulas regulares" -; educação física, música, artes, informática, educação ambiental e educação étnico-racial - consideradas como "projetos especiais". Tanto as aulas regulares quanto os projetos especiais são trabalhados diariamente com todas as turmas de forma mesclada, ou seja, se desenvolvem tanto no turno da manhã quanto da tarde. No Quadro 2, é apresentada a distribuição dessas atividades:

**QUADRO 2 -
Distribuição dos alunos do Ensino Fundamental por turmas e conteúdos/atividades -
Escola Municipal Monteiro Lobato - 2009**

Turmas	Atividades manhã	Atividades tarde
6 anos 25 alunos	Aula regular	Aula regular*
	Étnico-racial e Literatura Letramento/Alfabetização	Educação Ambiental, Artes, Educação Física, Música, Informática.
6 anos 24 alunos	Aula regular	Aula regular
	Étnico-racial e Literatura Letramento/Alfabetização	Educação Ambiental, Artes, Educação Física, Música, Informática
7 anos 24 alunos	Aula regular	Aula regular*
	Étnico-racial e Matemática	Educação Ambiental, Artes, Educação Física, Música, Informática
7 anos 20 alunos	Aula regular	Aula regular*
	Étnico-racial e Matemática	Educação Ambiental, Artes, Educação Física, Música, Informática
8 anos 27 alunos	Aula regular	Aula regular
	Étnico-racial e Matemática	Educação Ambiental, Artes, Educação Física, Música, Informática
8 anos 26 alunos	Aula regular	Aula regular
	Étnico-racial e Matemática	Educação Ambiental, Artes, Educação Física, Música, Informática

* Mesma professora de manhã e de tarde.

Observa-se que há uma concentração do trabalho nas áreas de Português e da Matemática no turno da manhã. Já as demais as aulas regulares - História, Ciências e Geografia, são realizadas no turno da tarde.

No turno da manhã, ainda é desenvolvida a "intervenção pedagógica na alfabetização", como uma atividade de reforço para as crianças do final do ciclo com defasagem de aprendizagem. Essa atividade ocorre de forma paralela à aula regular, com os alunos participantes sendo retirados da sala de aula no horário inicial.

A preocupação da escola com o desafio da alfabetização dos alunos também pode ser vista pela forma como ela é trabalhada com as turmas iniciais, de seis anos. O trabalho é realizado

por meio de enturmações variadas, ou seja, as crianças das duas turmas existentes são reagrupadas em três grupos, por nível de dificuldades.

Para além desses conteúdos/aulas, são oferecidas aos alunos, no horário intermediário entre os turnos, que vai das 11 h 30 min às 13 horas, oficinas de dança, taekwondo, capoeira, jogos e brincadeiras, futebol, entre outras. O horário intermediário é um período no qual, em paralelo às oficinas, é dado o banho (não em todas as crianças), é hora do sono, do descanso e de outras atividades mais calmas. Nesse tempo, os alunos ficam livres para fazerem suas próprias escolhas de maneira autônoma e pelo tempo que desejarem. Assim, na dinâmica cotidiana da escola, o horário intermediário é um espaço que viabiliza a possibilidade de agrupamento entre crianças com faixas etárias diferenciadas.

Apesar de todas as atividades cotidianas serem desenvolvidas no espaço da escola, que as comporta adequadamente, o "sair da escola" é visto como momento significativo de ampliação do repertório cultural e social das crianças, e ocorre de forma sistematizada. A Escola tem como estratégia ao menos uma saída mensal das crianças para apropriação das diversas possibilidades culturais da cidade.

Inicialmente, a escolha dos conteúdos e oficinas que são trabalhados com as crianças foi feita pela Secretaria Municipal de Educação, mas, posteriormente, a escola incluiu novas atividades a partir de uma sondagem com os pais e alunos.

É interessante registrar a percepção de uma aluna de 8 anos sobre a rotina da escola:

A gente chega toma café da manhã, mas tem gente que gosta de tomar café em casa. Depois a gente brinca um pouco e vai pra sala. Depois tem um recreio pequeno, só tem suco ou fruta, se não a gente come muito e não almoça. Aí, voltamos para a sala. Depois tem o recreio grande, a gente almoça e temos aula de judô, dança, o que quiser participar. Depois vamos pra sala de novo, depois tem outro recreio pequeno, volta para a sala. Depois janta e arruma as coisas para ir para casa. Aqui é bom porque tem muito recreio. (Aluna de 8 anos)

Em razão das especificidades do trabalho pedagógico de uma escola de tempo integral, foi garantida, para a EMLL, uma relação diferenciada profissional/turmas, que, na rede municipal é de 1.5 profissionais/turma e na EMLL, de 3.6. Entretanto, a avaliação da escola é de que o número satisfatório para a garantia da organização do trabalho escolar é de 3.9 profissionais/turma.

Até 2008, a escola tinha a possibilidade de fazer uma seleção dos seus professores, entre os profissionais da rede municipal. Para ser lotado na escola, o professor tinha que concordar com o seu projeto pedagógico e ter um perfil adequado para o cargo, em termos de concepções e de proposta de trabalho. Eram avaliadas a sua trajetória profissional e experiência de trabalho com crianças e ele tinha que elaborar um texto dissertativo sobre "Escola de tempo integral", bem como apresentar uma proposta detalhada de trabalho baseada na "Pedagogia de Projetos". Na entrevista, eram observados critérios como experiências com trabalho coletivo e participação em reuniões coletivas. Consideravam, ainda, nessa avaliação, a possibilidade de o profissional ampliar sua jornada na própria escola, visando garantir a continuidade do trabalho com os alunos em tempo integral.

Em 2009, a SMED não permitiu mais essa seleção e, como consequência, o número de professores que fica o tempo integral na escola diminuiu muito.

Uma coisa bacana que tínhamos aqui – ter sempre o mesmo profissional o dia todo, como referência para a criança, (...) acabou. (...) o ideal é ter um profissional o dia todo – a gente considera isso um ganho, evita mexer – você fica muito mais tranquila quando se tem a visão da criança como um todo, pois quem chega à tarde não tem a visão do menino desde que chegou cedo na escola. Aqui uma das condições é o professor acompanhar as refeições das crianças, o banho – o cuidar faz parte, tem que se dispor a amarrar um sapato, ajudar no banheiro.

Uma das professoras que fica o dia inteiro com a sua turma fala sobre as contribuições dessa possibilidade:

... principalmente para a alfabetização, tem mais tempo para organizar o meu tempo. Pela experiência que tive esse ano, que é o 1º que estou com a turma direto, ... para mim está sendo ótimo e para as crianças acredito também que está, pois eu sou a referência deles, as meninas me procuram e acredito que estão tendo um resultado melhor ... eu vejo que eles estão avançando, em alguns casos que vejo o menino muito tímido, muito travado e agora chega para mim e me conta um caso, isso para mim é muita coisa!

O quadro de pessoal da Escola para realizar o atendimento em horário integral nas seis turmas do Ensino Fundamental, em 2009, era composto por: 2 coordenadoras pedagógicas, sendo uma por turno; 2 auxiliares de biblioteca; 16 professores entre referência e especializados; 2 professoras de "intervenção pedagógica na alfabetização", sendo que uma fica a semana toda e uma, três vezes na semana; 1 professora de "intervenção pedagógica, de psicopedagogia", que faz o atendimento individualizado com as crianças e o atendimento com as famílias; os oficinheiros; 6 cozinheiras de tempo integral; e os responsáveis pelos serviços gerais.

A escola reconhece que o professor precisa ter formação para que suas ações sejam favoráveis ao aprendizado do estudante e sua prática pedagógica seja rica, diversificada, flexível e sensível às características de cada turma (PPP da escola) Assim, a organização dos horários coletivos valoriza momentos de estudo, avaliação e planejamento coletivos.

Até 2008, todas as atividades com os alunos eram desenvolvidas por professores efetivos da rede, sendo que aqueles responsáveis pelos projetos especiais eram especialistas em sua área de atuação, mas, em 2010, esses professores especializados, responsáveis pelas aulas de Educação Física, Artes, Música, Meio Ambiente e Informática foram cortados da equipe, pela Secretaria Municipal de Educação. Assim, os próprios professores e pedagogos vão trabalhar esses conteúdos.

Em 2009, para cobrir o horário intermediário entre os turnos dos professores, a escola teve que contratar "oficinheiros" – agentes culturais comunitários, para desenvolver oficinas e brincadeiras com as crianças. Anteriormente, havia um arranjo no qual os próprios professores cobriam esse horário. Eles eram distribuídos pelos diversos espaços da escola, para acompanhar as crianças e desenvolver oficinas diversas. Mas, segundo a coordenadora do turno da manhã, nesse arranjo, as crianças ficavam muito soltas e aconteciam muitos acidentes, brigas, disputas, depredação do espaço – acabavam destruindo muitas coisas, plantas, equipamentos, pichando paredes, rabiscando. Pelo fato de ser recente, a escola ainda não conseguiu fazer uma avaliação dos resultados da entrada de oficinheiros no envolvimento e no comportamento dos alunos.

Em relação à integração do trabalho junto aos alunos, a escola mostra a preocupação de que haja momentos de socialização entre os professores sobre que está sendo desenvolvido nas

turmas. A proposta de integração dos projetos especiais com as aulas regulares tem ocorrido dentro de cada turno, por meio da articulação entre os professores do turno. Uma experiência pedagógica adotada nessa direção é a regência compartilhada, através da qual se exercita a efetivação de um trabalho conjunto entre os professores que estão envolvidos com a mesma turma.

Quanto à integração do trabalho entre os turnos, diante das dificuldades do encontro entre os professores e coordenadores da manhã e tarde, uma das estratégias adotadas foi a constituição de um caderno da turma, no qual os professores sistematizam o que ocorreu em cada turno no dia.

A articulação com os pais é vista como espaço de troca e de formação, embora efetivamente haja dificuldades de mobilização. O Colegiado é o espaço em que se consegue garantir maior participação desse segmento na escola. Quanto à articulação com a comunidade local, a escola não conseguiu avançar muito, principalmente porque o número de crianças atendidas que vivem no seu entorno é pequeno.

Ao longo da escuta dos diversos sujeitos envolvidos no cotidiano dessa escola de tempo integral, verificamos o apontamento de vários aspectos positivos e negativos, muitas vezes comuns, mas, outras vezes, divergentes.

3.1.1 – Avanços

Os membros da gestão escolar (diretora, vice-diretora e coordenadora), bem como os pais têm visões muito semelhantes no que concerne aos avanços propiciados pela EMMI em termos da sua função. Destacam a proteção social como o principal fator que beneficia as famílias atendidas. Colocam que uma escola de tempo integral possibilita que os alunos fiquem protegidos dos diversos problemas que afetam as comunidades, como o tráfico de drogas e a violência urbana, dentre outros.

(...) tira a criança da rua – que é o principal problema, porque às vezes fica aqui até às 11 horas e depois ta lá na rua brincando, correndo riscos. Tem criança que mora em área de risco, então quanto menos tempo ficar na rua, melhor. (Pai de aluno)

Junto com a proteção dos filhos, os pais destacam o fato de ficarem com mais tempo disponível para se dedicarem ao trabalho como um dos grandes benefícios proporcionados pela escola de tempo integral:

Acho que ela (a escola) é especial porque permite às mães trabalharem, ... aqui o horário é maior, até às 5 e meia da tarde (...), é melhor para as mães. Todas acham que além de ser um benefício para criança é para a mãe também... (Mãe de aluno)

Para além da função de proteção, a proposta da escola considera o tempo integral como estratégico para a melhoria do desempenho escolar e para a formação integral da criança.

O eixo que leva a organização desta escola e o que se vê como um avanço é o de assistência: assistir essas crianças que compõem um grupo de risco social e conciliar isso com a melhoria do desempenho escolar, na aprendizagem dessas crianças em tempo integral. (Coordenadora)

Os professores colocam a vantagem do tempo maior para as disciplinas regulares, mas apontam os cuidados, a atenção, a alimentação e os momentos lúdicos também como contribuições da escola às crianças.

Os pais apontam o nível dos profissionais como o maior diferencial da escola. Dizem que eles são preparados e, além disso, que tratam muito bem seus filhos:

Em termos da educação, nem se fala, os profissionais são excelentes, têm mais liberdade e assim o trabalho flui melhor. (Pai de aluno)

Um avanço apontado por todos os sujeitos envolvidos é a oportunidade que os alunos têm de participar de atividades diferenciadas.

Achamos necessário para as crianças que, além da aprendizagem, elas tivessem um extracurricular que é, por exemplo, uma oficina de taekwondo, capoeira... (Pai de aluno)

... há uma infinidade de jogos que envolve ecologia, higiene, há uma variedade. A gente vai revezando, tem o momento dos jogos, outra hora eu pego um livro de história, outra hora a gente vai conversar. Acho (em termos de desenvolvimento dos alunos) que há um ganho maior sim. Por exemplo, à tarde eles têm trabalho com meio ambiente, então eles estão ganhando sim! Tem informática, educação musical, é mais amplo, mais opções... em termos de conteúdo têm mais tempo, todos os aprendizados, conhecimento de mundo.(Professora)

No que se refere aos cuidados básicos, a escola tem um atendimento completo, abrangendo a alimentação das crianças, o banho e o descanso.

Outro aspecto positivo apontado pela maioria dos sujeitos envolvidos é o espaço da escola. Na concepção da direção, a Prefeitura soube organizar bem o espaço e deixá-lo apto para que a escola pudesse atender em tempo integral. Os pais consideram o espaço da escola amplo e confortável. Os alunos evidenciam como benefício principalmente os espaços de recreação. Os professores também elogiam a estrutura física da escola.

Os pais evidenciam os resultados do trabalho da escola no desenvolvimento e na formação das crianças:

Eles se encaixaram muito bem, o dia inteiro aqui na escola. O desempenho deles foi muito bem aqui na escola.(Mãe de aluno)

O benefício desta escola também é ótimo, o retorno em matéria de educação. (Pai de aluno)

Ela tem 6 anos e não falava direito, agora fala tudo corretamente, se desenvolveu com as oficinas – porque eu ensino a guardar tudo direitinho, mas nem sempre obedece, mas depois que entrou na escola ela melhorou, não pode ver nada fora do lugar – é a ordem, a disciplina e a outra se desenvolveu, não pode ver uma música tocar que se mexe toda, a de 6 anos é também muito esperta e aprendeu na escola muita coisa que não sabia. (Mãe de aluna)

Minha menina com 6 anos, no 1º ano, já sabia ler e escrever. Desde os 3 anos já vem aquela comunhão com a escola, professores e colegas, aquela integração com o ambiente, disciplina, aí é o lado bom! Pai de aluna)

Segundo a diretora da escola, a soma do horário integral e da proposta pedagógica configura *um diferencial* em termos de resultados para os alunos:

... eles amam livro, pedem o tempo inteiro, mas é muito mais do que isso.... a forma como eles lidam com o adulto aqui, falam de igual para igual, eles entendem que precisam de espaço – é o espaço deles (...) porque não adianta ter o tempo integral e ser comandado o tempo inteiro, não ter um momento de diálogo, de trabalhar... E eles cuidam um do outro, têm o espírito de cooperação. (...) Brinco que isso aqui é um laboratório, é um modelo diferente, o que acontece aqui é muito rico.

Sobre o impacto das oficinas do horário intermediário no desenvolvimento das crianças, uma das professoras afirma que:

(...) o que noto é que fazem atividades e interação (...) acho bom porque está desenvolvendo aptidões que talvez durante a aula não se percebe nos alunos... Tudo isso faz bem para a criança e no horário de aula não dá para trabalhar... Percebo que os alunos criam mais vínculos entre eles, querem mostrar o que estão fazendo, se animam, se enriquecem e aumentam a auto-estima – gostam de participar e depois de apresentar o trabalho que estão fazendo nas oficinas.

Entre os alunos entrevistados, com exceção de dois, todos dizem gostar de ficar o dia todo na escola. Sobre as atividades de que mais gostam, destacam o futebol, o parquinho, a casinha, a horta, a aula de artes, ouvir histórias, ler na biblioteca. Vários gostam da comida da escola e alguns apontam o banho como uma coisa legal.

3.1.2 – Desafios

Sob o ponto de vista da coordenadora e de algumas professoras, um dos grandes desafios da escola no momento é rever o currículo, buscando uma coerência maior entre a teoria e a prática:

(...) que é o que estamos tentando fazer a partir de agora. Está todo mundo demandando isso: que (a prática) esteja cada vez mais amarrada com o que a gente escreveu, para que ele seja implementado efetivamente. (Coordenadora)

Quanto à organização do tempo dos alunos na escola, alguns profissionais evidenciam que ainda faltam estratégias para aperfeiçoá-lo. Apontam, principalmente, a necessidade da reorganização do horário intermediário e da revisão do currículo/atividades.

O cansaço dos alunos ao longo do dia também foi caracterizado como desafio por vários sujeitos. Os pais apontam esse complicador e os professores do segundo turno dizem que, à tarde, devido ao cansaço, os alunos ficam muito dispersos, fato que dificulta o trabalho em sala de aula.

Na perspectiva da diretora, o tempo integral tem que ser uma opção dos pais e da criança também. Uma das professoras entrevistada reforça essa colocação:

(...) tem criança que não tem perfil para isso, ela fica aqui, mas não dá conta, ela sofre muito por ficar esse tempo todo aqui. Ela necessita ficar com a

família mais perto, seja com a avó, com a tia, com a irmã mais velha. Daí, ela fica aqui muito agitada, mais agressiva, é complicado.

Quanto à equipe de professores, segundo uma docente entrevistada, o corte na possibilidade de seleção fez cair muito o nível desses profissionais. Além disso, ela coloca que o fato dos professores especializados não poderem mais continuar na escola representou uma perda muito grande.

Eu imagino que, com a saída dos especialistas, se perdeu muito, pois era uma forma de dar um conhecimento mais específico e um leque maior que daria mais oportunidade (...) de ter um diferencial das outras escolas públicas. Mas hoje eu acho que a escola perdeu muito, não que a gente não esteja trabalhando isso... Nunca o que a gente passar vai ser a mesma coisa de um especialista... a gente não tem a mesma formação de um professor de Artes, de Música... a gente não tem a formação nem a aptidão. A gente pode até desenvolver um trabalho, mas não tem a competência, não vai ser igual, a gente não tem o embasamento. (Professora)

Outras questões colocadas foram a falta de adaptação de alguns professores ao trabalho em uma escola de tempo integral e a rotatividade de docentes ao longo do ano e de um ano para o outro, que faz com que se perca a continuidade do trabalho, dificultando o seu avanço.

Segundo a coordenadora pedagógica, falta suporte para os professores como mais espaço para a sua formação e equipamentos adequados de apoio, que poupem a sua saúde.

Ainda no que se refere à equipe, a coordenadora da escola aponta como desafio a inserção de oficinairos na escola. Segundo ela, deveria ser somente professores do quadro efetivo da prefeitura de Belo Horizonte.

Acho que devia ter só professor, eu acho! Porque o pedagogo tem uma visão do trabalho, da especificidade da criança, do desenvolvimento da criança, que, às vezes, o oficinairo, que é alguém com conhecimento técnico e só, promove aquilo ali, não tem e é essencial ter: conhecimento mais de desenvolvimento infantil, do que precisa estar promovendo nessa criança para que a oficina dele tenha um efeito sobre essa criança, acho que um pedagogo dá conta disso. (Coordenadora da escola)

Outro problema apontado foi a falta de articulação entre os professores dos dois turnos: os que trabalham só pela manhã não articulam atividades com os da tarde e vice versa. Isso, somado ao fato de a escola não ter um quadro grande de professores que trabalham em tempo integral, contribui para a dificuldade de integração do trabalho entre os turnos.

Quanto aos encontros do coletivo para estudos, planejamento e acompanhamento do trabalho e das crianças, a equipe destaca a necessidade de se retomar uma prática que já existiu:

Há algum tempo atrás a gente tinha reuniões uma vez por semana, então era mais fácil, tinha tempo para conversar todo mundo junto e nos grupos menores. Porém... a gente não tem mais horário de reunião pedagógica, a gente não está conseguindo se encontrar. Esses encontros eram bons para as professoras sugerirem coisas que faltam, cada uma dar sua experiência. (Professora)

O afastamento da família da escola é um outro desafio a ser superado na visão da coordenadora, diretora, professores e pais. Esses sujeitos dizem que a família é primordial para o sucesso escolar do aluno, mas que sua participação não se verifica na escola.

A parceria com as famílias é um dos grandes desafios colocados para o coletivo de professores, pois, mesmo tendo exemplos de experiências positivas, avalia-se que são poucos os momentos formais de encontro com os pais e, muitas vezes, com a frequência dos mesmos fica abaixo do desejável. (trecho do PPP da EMLL)

Por ser uma escola de tempo integral, tal fato se potencializa, uma vez que os familiares tendem a transferir toda a responsabilidade da educação da criança para escola.

Os pais têm que estar acompanhando, ajudando, principalmente na questão dos valores, da disciplina, da responsabilidade do filho com os estudos – acho que a gente precisa de mais ajuda nessa questão, mais diálogo, a gente estar conversando – é escola e família tendo a mesma fala sobre o aprendizado. (Professora)

Tem pai que solta os filhos aqui na porta e não querem nem saber, não vem nem em reunião de sala... nós tentamos muitas vezes trazer esses pais que não querem nem saber dos filhos, nem conhecer o profissional que está trabalhando com os meninos, moldando o filho dele, fazendo o filho dele se transforma homem. Tem pais pouco interessados... (Pai de aluno)

Outro desafio a ser superado, segundo a visão dos pais e dos professores, é a continuidade do atendimento nos anos seguintes, pois a escola só atende crianças até os 8/9 anos de idade.

Os pais vão ter que pagar alguém para ficar com as crianças (Mãe de aluno).

Segundo os pais, a escola deveria atender até pelo menos até os 10 anos, pois há muita dificuldade de encontrar escola para os filhos nessa faixa-etária.

Nós estamos tentando ampliar esta escola para mais um ano. Pelo menos para a criança ficar até os 10 anos (Pai de aluno).

Visando garantir vaga em outra escola, várias famílias acabam tirando os filhos da EMLL antes do último ano. Já as professoras colocam que não sabem se a escola está conseguindo alcançar o seu objetivo de formar o cidadão integralmente,

porque aqui a criança só fica até o 1º. Ciclo, quando acho que ela deveria ficar pelo menos até o 2º. Ciclo, abrangendo toda a faixa etária da infância. (Professora)

Um grande desafio apontado por vários sujeitos é a manutenção da experiência. Segundo eles, a proposta não é sustentável, devido ao alto custo de manutenção de uma escola de tempo integral com qualidade:

é um modelo caro, a gente ouve isso o tempo inteiro. É caro porque tem professores o tempo todo, educadores o tempo todo, cantina, o banho, tudo que envolve, as artes, é uma escola grande e educação não dá para baratear a coisa. (Diretora)

A informação que a gente tem é que a escola integrada fica mais barato e a escola de tempo integral é um modelo muito caro. Então a prefeitura parece que não tem mais esse interesse, porque com a escola de tempo integral você atende um número menor de crianças, porque elas ocupam esse espaço os dois tempos e na escola integrada se tem pelo menos dois turnos de alunos então praticamente dobrando o número dessas escolas. (Professora)

Uma das professoras aponta, ainda, a descontinuidade das políticas:

não sei o que vai do amanhã, vejo muito corte daqui, de lá. Você começa alguma coisa e daqui a pouco corta ... (Professora)

Mas o grande desafio que se coloca é a sustentabilidade da escola de tempo integral nos moldes da EMMML como política pública na área da educação, devido ao seu elevado custo. No caso dessa escola, a necessidade colocada em termos de pessoal é de ampliação da relação para 3.9 profissionais/turma, enquanto que nas demais escolas da rede a relação é de 1.5. Em relação ao tamanho do espaço físico, essa escola também se distingue por atender a um número reduzido de crianças para os modelos da rede. Parece que o custo da EMMML concorre para que a SMED/PBH não tenha ampliado mais esse modelo na rede e esteja implantando o Programa Escola Integrada, que vem se ampliando rapidamente.

3.2 – O programa Escola Integrada

O programa Escola Integrada (PEI) surge de uma reflexão sobre os limites de experiências como a da Escola Municipal Monteiro Lobato e da necessidade de buscar uma interação maior entre as políticas públicas e as experiências já desenvolvidas no âmbito da sociedade civil.

Em relação à ampliação de experiências como a da Escola Municipal. Monteiro Lobato, a professora Macaé explica que:

A perspectiva era – nós vamos transformar uma escola do município por ano em escola de tempo integral. Um dia, o Secretário da Fazenda, Julio Pires, fez uma provocação para a gente e falou assim: Olha, vocês não acham que 182 anos (182 era o número de escolas na época) é um tempo longo demais para a cidade esperar para fazer tempo integral em todas as escolas? Não acham que é muito tempo? Acho que temos que pensar em outra estratégia. E realmente, essa provocação valeu, a gente tinha que ter um projeto mais arrojado com a perspectiva de incorporar um número maior de crianças – só para dar um exemplo, a escola Monteiro Lobato com todo esforço da prefeitura atende 300 estudantes!

Diante dessa necessidade, a Secretaria começa a buscar, nas experiências existentes, um novo formato para a ampliação do tempo na Rede Municipal:

eu quero falar que várias coisas vinham acontecendo para você ver que nesse contexto que levou à formulação dessa idéia de escola integrada. Concomitante, a gente tinha também outro projeto da Secretaria que foi o projeto da Rede do 3º. Ciclo que nasceu em cima da demanda de umas escolas com um número muito grande de estudantes do 3º. Ciclo que não estavam alfabetizados – esse projeto também ampliava o tempo desses alunos com professores alfabetizadores, mas também com Agentes Culturais para atuarem juntos aos estudantes e professores – provocou uma

articulação muito interessante na relação desses adolescentes com a escola, com os professores e esses jovens. (...)

Teve um outro projeto em que construímos para desenhar uma perspectiva de tempo integral para todas as crianças que estavam na área do projeto BH Cidadania, da Pedreira que vivia um momento de muita crise, violência, conflitos e a idéia era: Com o que a educação pode contribuir? É trabalhando para o atendimento de tempo integral, em todas as faixas etária para atender também 100% na faixa de Educação Infantil que também não tinha – então nessa região construímos uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), fizemos a reforma do Jardim Municipal Maria da Glória Lommez, para que pudesse atender em tempo integral. (...)

Começamos também a mapear outras experiências da própria prefeitura de BH e fizemos uma parceria com a fundação Itaú Social, CENPEC, a Secretaria Municipal de Assistência Social e Secretaria Municipal de Educação, para fazermos uma ação conjunta de escolas e ONGs da cidade que atendiam o mesmo perfil de crianças e de adolescentes. Nós temos uma experiência que é um programa da Secretaria Municipal de Assistência Social que se chama Assistência Infanto-juvenil que tinha a mesma idade do programa Escola Plural e naquele momento atendia 13 mil crianças da cidade em parceria com as ONGs da cidade em que as crianças ficavam na escola num turno e no outro eram atendidas por essas ONGs. No início, esse programa esteve mais próximo da Educação, depois se distanciou e conseguimos a parceria da Educação com a Assistência Social em que a nossa primeira ação foi fazer um programa de formação que se chamou Gestores de Aprendizagem Socioeducativa, que primeiro trabalhamos com 9 ONGs e 9 escolas numa perspectiva de construção de um projeto educativo comum já que ONGs e escolas atendiam as mesmas crianças. (...) Nesse processo de formação com o incremento desse debate foi possível pensar na perspectiva de construção de uma educação integral que ela não pense só na perspectiva de ampliação da jornada escolar dentro da escola, que é possível articular outros atores nessa perspectiva...

Além da análise do que estava ocorrendo em Belo Horizonte, a equipe da Secretaria procurou estudar experiências já existentes no Brasil e conhecer experiências de outros municípios, como relata a coordenadora do Programa Escola Integrada, professora Neusa Macedo:

A gente tinha que pensar no formato que coubesse no nosso bolso, que dialogasse mais com a cidade, que incluísse outros atores, esses novos perfis de profissionais – então ela surgiu daí. A partir daí a gente começou a pesquisar, onde aconteciam experiências assim, lemos muito sobre as experiências do Anísio Teixeira, lemos sobre a experiência do Rio de Janeiro, a experiência do Brizola, o CEU da Marta Suplicy, em busca de construir um projeto que tivesse a cara da prefeitura, da secretaria, sobretudo que dialogasse mais com a cidade e, sobretudo, que criasse uma rede de corresponsabilidade, para não ficar uma coisa centrada somente na Secretaria de Educação. Aí, a gente encontrou tanto na Cidade Aprendiz que é uma ONG, quanto em Nova Iguaçu, um modelo, uma metodologia, uma forma – principalmente de Nova Iguaçu, que nos atraiu muito, com o qual a gente se identificou muito. Então o que a gente já tinha? Nova Iguaçu trabalhava com agentes culturais, universitários, com o pessoal do Segundo Tempo, potencializando muito também já esse pessoal que atuava nas diversas

esferas governamentais, tanto de Estado como federal. Nova Iguaçu potencializava muito isso, muito jovem e trazia isso para dentro da escola. Então isso para a gente era interessante, em função desses novos perfis e a gente já tinha uma relação, se não muito estreita, mas já estabelecida, com a UFMG, em vários outros projetos e consultorias...

Com base nessas experiências, foi criado, na Rede Municipal de Belo Horizonte, o programa Escola Integrada, que começa a ser desenhado no início de 2006, com um debate entre escolas da Rede Municipal, universidades e ONGs, como nos relata a professora Neusa:

criamos esse piloto em 2006 que foi desenhar um projeto que servisse para mais escolas e a Secretária daquela época, Pilar, junto com o Hugo, Adjunto, apoiaram essa experiência e fizeram um mapeamento da escolas onde havia um número maior de alunos bolsistas, de regiões mais vulneráveis socialmente e chamaram 40 escolas e começou um diálogo com elas, fizeram algumas reuniões e a Pilar me chamou para integrar essa comissão. (...) Com as 40 escolas, a gente se reuniu no primeiro e no segundo semestres e, também, com a universidade para conversar para nos ajudar a formatar e, desses encontros todos, a gente chamou as 40 escolas e fizemos um desafio: quem de vocês topa agora montar um piloto para a gente fazer um desenho desse programa. A UFMG disse: nós topamos; sete escolas também toparam e falamos para elas: escolham um professor com esse perfil, coordenador de um programa e começamos a conversar, dialogar, Na época, isso assustou demais, porque vocês conhecem realidade de escola, né?! Então fizemos uma experiência de 2 meses. E como foi esse modelo: era e prevalece até hoje – é o professor coordenador do programa, com dedicação exclusiva e que é do quadro da escola e com perfil de professor comunitário, mesmo, de preferência que more em comunidade ou que esteja lá há mais tempo e conheça as pessoas, os pais. Esse piloto foi com as 7 escolas e 2 mil alunos

A partir desse projeto piloto, foi construído o Programa Escola Integrada, na perspectiva de se construir uma escola que dialogue com a cidade, compreendida como cidade educadora, e uma rede de corresponsabilidade social, a partir de uma política intersetorial. Nessa perspectiva, a proposta não se prende a um modelo escolar, buscando transformar os espaços da comunidade em espaços de formação. Também amplia as dimensões da formação dos sujeitos para além da dimensão cognitiva, valorizando os aspectos éticos, estéticos, corporais e emocionais, trazendo, também, para o Programa, outros saberes, construídos a partir da experiência, principalmente com a presença de novos perfis profissionais, como no caso dos agentes culturais.

A entrada das escolas no Programa é por adesão, o mesmo acontecendo com os alunos que dele participam. Cada escola apresenta o Programa aos pais, que podem optar, ou não, por inscrever o filho. Segundo, a professora Neusa, a adesão tem aumentado a cada ano:

A gente acreditava e ainda acredita que o processo deve ser por adesão, tem que querer participar. A gente fez com aquelas 7 (escolas) e começamos também a dialogar com as outras que estavam presentes. Foi uma coisa assim, conseguimos 17 diretores por dia, em 3 turnos, entrevistando – tenho até hoje esses papéis anotadinhos, a Regional, escola por escola, alguns dizendo eu posso entrar daqui há 2 anos, agora não; eu quero entrar no 2º semestre. E ainda assim nós atendemos 29 escolas em 2007, aí já atendemos

5 mil; 2008, 50 escolas e, atualmente, são 99, com 25 mil, quatrocentos e poucos alunos

Apesar da necessidade de adequação à realidade de cada escola, o Programa Escola Integrada tem uma estrutura comum de funcionamento.

3.2.1 – A Matriz Curricular

Segundo documento apresentado pela Secretaria Municipal de Educação, intitulado “Orientações Gerais para as escolas - Fevereiro 2009”:

O Programa Escola Integrada é um programa da Prefeitura de Belo Horizonte, que tem por objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da educação, por meio da ampliação da jornada educativa dos estudantes, com ações de formação nas diferentes áreas do conhecimento.

Com a participação das diferentes esferas governamentais, das escolas, de instituições de ensino superior e ONGs, o programa visa garantir nove horas diárias de atendimento educativo para os estudantes, por meio de atividades de acompanhamento pedagógico, cultura, esportes, lazer e formação cidadã.

Ainda segundo o mesmo documento:

A **matriz curricular DO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA** deve contemplar 45 horas semanais e nove horas diárias de atendimento aos estudantes, a saber:

- a) 4h e 20 min. com atividades ministradas por docentes da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte;
- b) 3h com atividades de diferentes áreas do conhecimento (oficinas e cursos), realizadas por monitores de instituições de ensino superior e agentes culturais;
- c) 1h40 min. destinadas à alimentação, mobilidade e atividades de relaxamento.

As oficinas e cursos devem oferecer atividades das diferentes áreas do conhecimento, e podem ser:

- criadas e coordenadas por docentes das instituições de ensino superior e oferecidas nas escolas por estudantes de graduação e de pós-graduação no formato de um programa de extensão universitária;
- organizadas pelas escolas a partir do projeto político-pedagógico, do mapeamento dos interesses dos estudantes e da valorização dos talentos locais.

As oficinas e cursos oferecidos serão organizadas conforme a seguinte classificação:

1. *Acompanhamento pedagógico/Conhecimentos específicos*
2. *Meio Ambiente*
3. *Esporte e Lazer*
4. *Direitos Humanos e Cidadania*
5. *Cultura e Artes*
6. *Inclusão Digital*
7. *Saúde, Alimentação e Prevenção*

As 15 horas semanais de atividades devem ser assim distribuídas:

- a) 9h destinadas à ações de acompanhamento pedagógico e conhecimentos específicos;
- b) 6h destinadas aos outros temas.

Tais orientações possibilitam que cada escola estruture e tenha uma autonomia na sua organização, mas dentro de referências comuns a todas as experiências.

3.2.2 – Os sujeitos envolvidos no Programa Escola Integrada

De acordo com o documento “Orientações Gerais para as escolas - Fevereiro 2009”:

O programa é composto, em cada escola, por:

- a) Direção e Coordenação Pedagógica e demais profissionais da escola;
- b) Professor Comunitário;
- c) Monitores (estagiários das instituições de ensino superior);
- d) Estagiários do Programa Segundo Tempo;
- e) Agentes Culturais (oriundos das comunidades);
- f) Jovem Aprendiz;
- g) Agentes de Apoio ao Professor Comunitário;
- h) Auxiliares de Serviços Gerais e/ou Cantineiros;
- i) Monitor ou Agente Cultural para as Intervenções Artísticas

O documento também define a função e a forma de contratação desses sujeitos:

O **Professor Comunitário** – coordenador do programa na escola - deverá ser um (a) professor (a) lotado (a) na própria escola, com dois cargos ou cargo e dobra, indicado pela direção da escola.

Os **Monitores (estagiários das instituições de ensino superior)** são contratados pelas Caixas Escolares das escolas para uma jornada de 20h semanais, assim distribuídas:

- 12h (4 dias) para o desenvolvimento de ações diretas com os estudantes durante 3 horas;
- 4h (1 hora por dia) destinadas a ações de planejamento, avaliação e outros, sob a coordenação do professor comunitário;
- 4h (1 x por semana) para reuniões com seus coordenadores/orientadores nas instituições de ensino superior parceiras.

Os **Agentes Culturais** são contratados por meio de convênio das Caixas Escolares das escolas com a AMAS – (Associação Municipal de Assistência Social) para uma carga horária de 20h, distribuídas da seguinte maneira:

- 12h (4 dias) para o desenvolvimento de ações diretas com os estudantes durante 3 horas;
- 5h (1 hora por dia) destinadas ao apoio ao professor comunitário (almoço, mobilidade, atividades de relaxamento, entre outras);
- 3h (1x por semana) destinadas a ações de planejamento e avaliação de suas atividades.

É fundamental que os Agentes Culturais tenham reconhecida competência nas ações que se propõem a desenvolver.

Perfil do agente cultural:

- Ensino Fundamental completo;
- boa articulação com a comunidade;
- conhecimento do Projeto Político-pedagógico da escola;
- experiência de trabalho comprovada com crianças e adolescentes;
- participação em grupo articulador na sociedade, que visa o trabalho e/ou discussão de temas relacionados à criança e ao adolescente.

Os **Estagiários do Programa Segundo Tempo** são contratados pelo Governo Federal e estão vinculados à Secretaria de Esportes da PBH e têm sua jornada semanal de 20 horas de trabalho na escola distribuída da seguinte maneira:

- 12h (4 dias) para o desenvolvimento de ações diretas com os estudantes durante 3 horas;
- 5h (1 hora por dia) destinadas ao apoio ao professor comunitário (almoço, mobilidade, atividades de relaxamento, entre outras);

- 3h (1x por semana) destinadas a ações de planejamento e avaliação de suas atividades.

O **Jovem Aprendiz** é um agente de informática indicado pela comunidade, capacitado pela PRODABEL/AMAS/GPLI, que será contratado pela AMAS, por meio de convênio com a Caixa Escolar da escola. Sua carga horária totalizará 40 horas semanais, sendo:

- 24 horas destinadas a oficinas do Programa Escola Integrada;
- 09 horas destinadas ao suporte técnico e administrativo do ambiente de informática da escola;
- 2 horas destinadas ao planejamento;
- 5 horas destinadas à formação junto à PRODABEL/AMAS/GPLI.

A escola deverá resguardar a proporção de 60% de monitores e 40% de agentes culturais e jovem aprendiz na composição da equipe.

Para o **Apoio ao Professor Comunitário**, a escola poderá contratar também por meio do convênio da Caixa Escolar com a AMAS:

- 1 monitor ou agente cultural, se a escola atende de 100 a 199 alunos;
- 1 monitor ou agente cultural por turno, se a escola atende 200 ou mais alunos.

Cada agente terá uma jornada de 20 horas semanais, que serão destinadas ao apoio ao professor comunitário nas atividades com os alunos e no planejamento do trabalho relativo ao Programa Escola Integrada. É importante que este profissional tenha o perfil adequado para a função, sendo dinâmico, cooperativo e de fácil relacionamento.

Para a contratação dos **auxiliares de serviços gerais e/ou cantineiros**, a escola deverá obedecer aos critérios:

Nº de alunos	Nº de funcionários
Até 74 alunos	0
De 75 a 224 alunos	01 funcionário
De 225 a 374 alunos	02 funcionários
De 375 a 524 alunos	03 funcionários
De 525 a 650 alunos	04 funcionários

Monitores ou Agentes Culturais para as Intervenções Artísticas no entorno da escola:

Uma das ações propostas pelo Programa é o desenvolvimento de pinturas, grafites, mosaicos e outras intervenções artísticas no entorno das escolas. Para isso, é necessária a articulação com artistas e outros agentes da comunidade com o intuito de criar trilhas educativas valorizando a atividade artística local.

Para o desenvolvimento desse trabalho, a escola deverá contratar um monitor ou agente com uma carga horária de 20 horas considerando os critérios já estabelecidos para a contratação de monitor ou agente.

Assim, é possível perceber que cada escola, ao aderir ao Programa, constitui um grupo de educadores, que apesar de ter como coordenador, um professor da Rede Municipal, é composto por novos perfis profissionais, muitas vezes com saberes oriundos de espaços outros que não o espaço acadêmico. Nesse sentido, o processo de formação desses sujeitos parece ser fundamental para a coesão e sintonia do trabalho.

Para garantir a formação, há um encontro mensal de formação para cada segmento: professores comunitários, agentes culturais e estagiários, sendo que esses últimos têm sua formação coordenada por sua universidade de origem, enquanto os dois primeiros participam da formação coordenada pela equipe da Secretaria Municipal.

3.2.3 – O uso dos espaços

O Programa Escola Integrada tem como proposta o uso dos espaços da cidade, especialmente aqueles do bairro em que a escola se localiza, como orienta o documento da Secretaria:

O atendimento aos alunos no Programa Escola Integrada deve acontecer prioritariamente nos espaços parceiros externos à escola. Internamente serão garantidas adequações das UAN's (Unidades de Alimentação e Nutrição), instalações sanitárias e vestiários uma vez que estes atendimentos, alimentação e higiene, devem acontecer dentro da escola. Será cuidada também a questão da acessibilidade geral das edificações. Outras intervenções físicas serão possíveis em função de particularidades de cada escola/comunidade.

Buscando apoiar a utilização desses espaços, a Secretaria cria formas de garantir a manutenção deles:

O uso de espaços na comunidade para o desenvolvimento das oficinas (creches, associações, igrejas, etc.) devem ser firmados mediante contratos de comodato com a instituição cedente do espaço, de preferência sem ônus financeiro para a Caixa Escolar. Na impossibilidade, a Caixa Escolar poderá destinar verba para a manutenção e conservação do espaço cedido.

A perspectiva é a da constituição de territórios educativos, visando à sua ressignificação, como explica a professora Neusa:

É concepção, do bairro-escola mesmo, a gente trabalha com isso. A gente quer que se dê nesse território, constituindo um território educativo – os alunos trabalham muito nesse sentido de demarcar esse território, esse percurso educativo, por onde circula para a aprendizagem. Muitos desses espaços já estão modificados, alterados por esse uso: pintam as paredes... é um objetivo do programa, esse diálogo com a comunidade tanto na cessão e uso dos espaços, é aquele território que educa, até para ela estar reconhecendo que sozinha não pode mais, que é preciso que se forme essa rede e ampliar esse território, para poder dar conta de atender esses meninos, tanto no espaço físico quanto no potencial educativo. A gente tem relatos de pessoas que cedem não só cedem, mas também contribuem com a escola – vamos até fazer um prêmio simbólico para parcerias.



Fotos 1, 2 e 3: Atividades Escola Integrada. (Arquivo PBH)

3.2.4 – O funcionamento do Programa

Cada escola que adere ao Programa precisa cumprir uma série de atividades, definidas pela Secretaria Municipal, como proposto no documento "Orientações Gerais para as escolas" de fevereiro de 2009:

Ao organizar a **proposta de atendimento** de alunos no Programa, o professor comunitário, juntamente com a direção da escola e a coordenação pedagógica, deverá:

- mapear as potencialidades locais e articular parceiros;
- organizar o quadro de monitores e agentes culturais, considerando a proporção de 60% de monitores e 40% de agentes culturais e jovem aprendiz;
- priorizar famílias em situação de vulnerabilidades social e educacional, ouvindo o Núcleo Intersetorial Regional;
- organizar os alunos em grupos de 25, evitando manter os estudantes agrupados nas mesmas turmas que frequentam no horário parcial, promovendo o intercâmbio e a troca de experiências;
- agendar um momento com as acompanhantes da escola para a organização da matriz curricular;
- organizar um diário de classe (modelo do 1º e 2º ciclo) para cada agrupamento de alunos;
- orientar os monitores, agentes culturais e jovem aprendiz quanto à necessidade de apuração diária da frequência dos alunos;
- realizar semanalmente encontros com os monitores e agentes culturais para planejamento e avaliação das atividades do programa;
- orientar os monitores e agentes culturais quanto registro do planejamento e das atividades desenvolvidas na escola;
- incentivar a participação de monitores, agentes culturais e outros educadores em cursos, seminários e outras atividades de formação;
- apurar diariamente a frequência dos monitores das universidades, informando imediatamente à instituição de ensino superior os casos de desistências, faltas não justificadas e rescisões de contrato;
- enviar para a SMED/Escola Integrada, na 1ª semana do mês, por e-mail ou malote, a matriz de atividades referentes à Escola Integrada elaborada pela SMED, e sempre que houver alguma modificação na mesma;
- conferir regulamente a caixa de e-mails;
- incluir no cadastro (SGE) os alunos inscritos no Programa Escola Integrada;

Assim, com essas orientações, cada escola organiza sua experiência, que pode ganhar matizes bem distintas de acordo com a realidade de cada bairro e da própria escola.

3.2.5 – Gestão e financiamento

O valor e as formas de financiamento de um programa como a Escola Integrada, que procura articular uma Rede de parceiros e uma política pública intersetorial, são difíceis de serem calculados, como afirma a professora Macaé:

Essa questão de custo aluno é difícil de fazer e para trabalhar com essa idéia – pois nem tudo está considerado e não entram nesse cálculo realizado: custo dos monitores, estagiários, alimentação de cada aluno – é muito complexo esse cálculo. (...) O convênio com o Inhotim, em que se levam 800 crianças, professores e agentes culturais, por semana, durante o ano todo. Esse convênio com a AMAS vem do MEC e paga os agentes, os jovem aprendiz (01 pelo menos por escola) com 40 horas, oficinheiros e monitores de oficinas de saúde que estão sendo contratados pela escola - acompanham as crianças ao consultas médicas, discussão, dentro da escola. A subvenção da caixa escolar é um recurso que centralizamos para todas as escolas para tudo que vão ter de gastos com o programa: inclui toda a materialidade de oficinas que as escolas têm que comprar, pagamento dos estagiários das universidades, basicamente é isso... coisas perecíveis que a própria escola tem que comprar, é pouca coisa, mas só para a escola integrada. A Caixa do Projeto de Ação Pedagógica, que muitas escolas que não são do Programa de Escola Integrada acabam oferecendo algum tipo de oficina para os estudantes com esse recurso: isso a gente recebe do MEC, do Mais Educação.

Essa professora ainda explica que, apesar da existência de vários projetos oriundos do MEC, há uma preocupação por parte da Secretaria em garantir o Programa:

Essa estrutura que construímos em BH para a escola integrada é em função disso: se recebemos um aporte de 2 milhões do Governo Federal -- o Escola Aberta e o Mais Educação vem do Governo Federal, nós do município colocamos mais. Por quê? Primeiro porque o patamar do Bolsa Voluntariado, no caso do Escola Aberta, que é praticado para o Brasil, para BH a ajuda de custo não significa nada, é insuficiente e nós temos mais escolas que abrem de final de semana do que o MEC define (85) e nós temos 116 a 118 escolas abertas no fim de semana. Então também disponibilizamos para as escolas um recurso para abertura no final de semana.

Assim programas federais como o Mais Educação são incorporados no Programa Escola Integrada e os recursos advindos do Governo Federal são complementados pela Secretaria, para que não haja discrepância entre as escolas.

Além das despesas com as atividades educativas, há também despesas com a reforma das escolas para receberem os alunos durante todo o dia, principalmente com a construção de novos banheiros e cantinas. Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação, para uma escola se adequar ao programa Escola Integrada, a despesa gira em torno de 1 milhão e meio de reais - com vestiário, banheiro, cantina, acessibilidades. Mas, também nesse caso, há a participação de outras Secretarias, como explica a professora Macaé:

Estamos transformando as cantinas escolares em Unidades de Alimentação Escolar, com equipamentos e dar condições de os meninos se servirem, para evitar desperdício e também para se educarem. Se temos 25 mil meninos, servimos 75 mil refeições diárias. Esse recurso para os equipamentos não está incluído aí nas planilhas porque é um recurso da Prefeitura colocado na Secretaria de Abastecimento. Uma parte é remuneração do FNDE que é para as crianças atendidas em tempo integral e não vem necessariamente da rubrica da Educação. Toda a infraestrutura dos Centros Culturais que são utilizados para a Cidadania vem da Educação é tudo orçamento da Cultura.

Apesar dessas dificuldades de cálculos, a Secretaria Municipal de Educação calcula um investimento de 3 milhões e quinhentos mil no Programa Escola Integrada.

3.3 – A escola integrada na prática: a experiência da Escola Municipal Paulo Freire

A Escola Municipal Professor Paulo Freire (EMPF), localizada no bairro Ribeiro de Abreu, região Nordeste de Belo Horizonte, foi uma das escolas que participou do projeto-piloto do Programa Escola Integrada em 2006. A escola é nova, sua construção se deu no ano de 2000, através do orçamento participativo. Atualmente, conta com o seguinte quadro de estudantes:

- ➔ 1º ciclo: 169 alunos
- ➔ 2º ciclo: 260 alunos
- ➔ 3º ciclo: 253 alunos
- ➔ EJA: 169 alunos
- ➔ UMEI vinculada à Escola: 210 alunos

- ➔ EJA BH vinculada à Escola: 191 alunos

Em seu quadro de funcionários, a escola conta com:

- ➔ 01 diretora e 01 vice-diretora
- ➔ 48 professores
- ➔ 20 monitores da Integrada
- ➔ 5 funcionários administrativos
- ➔ 20 funcionários na cantina e faxina
- ➔ 4 porteiros e vigias

Mesmo antes da Escola Integrada, a EMPF já tinha um projeto de ampliação da jornada para alguns de seus estudantes, como relata a diretora da escola, Edmeia Costa:

Esta nossa escola tem uma característica que difere das outras. Antes de ter o Programa Escola Integrada da prefeitura, a gente já tinha aqui dois turnos de tempo legal, porque temos muitos meninos que vivem nas ruas mesmo. Isso incomodava muito à escola - acabar a aula e ver o menino na rua o dia inteiro. Aí, na época, a diretora conseguiu que a gente ficasse com esses meninos - eram menores e com problemas de vulnerabilidade social, de abuso ou espancamento. Era um grupo reduzido e tínhamos duas turmas, uma da manhã e outra da tarde que ficavam no contraturno e tinha a rede do 3º Ciclo também, que nós tínhamos problema com ela, porque não conseguimos pedagogo que vestisse a camisa do programa, porque é um programa difícil mesmo de administrar e os meninos queriam mesmo era o esporte, não queriam o pedagógico e nós ainda não achamos uma pessoa com esse perfil, funcionou, mas não do jeito que a gente queria. Quando veio a proposta do programa de escola integrada, a secretária chamou nossa escola para conversar e para a gente foi tudo de bom, porque já estávamos precisando disso e vivenciando todo ano tinha que pedir para continuar com o tempo legal que a Secretaria sempre autorizava. Era um professor por contraturno e funcionava dentro a escola, numa salinha muito desconfortável, precária, sem verba e íamos na força e na vontade. Quando em 2006, nos chamaram para participar do programa, nós amamos e começou.

Dos 682 alunos matriculados no Ensino Fundamental da escola, 538 são atendidos na Escola Integrada e destes, 238 são adolescentes. É a escola com o maior número de adolescentes participando do Programa.

A escola oferece uma grande variedade de oficinas, o que, segundo a professora comunitária, garante a presença de tantos adolescentes no Programa, que são as seguintes:

Quadro 3
Lista de oficinas oferecidas

• Dança	• Educação Ambiental
• Ginástica Rítmica	• Educação Sexual
• Vôlei	• Higiene e Saúde
• Futebol	• ECA / Cidadania
• Taekwondo	• Inglês

•Jogos e Brincadeiras	•Espanhol
•Xadrez	•Intervenção Pedagógica
•Flauta	•Intercâmbio Cultural
•Violão	•Jornal
• Artesanato	•Artes e Ofícios
•Intervenção nos Muros	•Informática
•Piquenique	•Para Casa

Diariamente, os alunos participam de duas oficinas de uma hora e meia cada, sendo que as turmas são divididas por idade e ciclo, tendo no máximo 25 alunos por oficina. A cada semestre, há uma negociação com os estudantes de cada ciclo, para organizar as oficinas dentre as que são oferecidas. Não há uma única lógica para construir essa organização.

Para chegar a esse desenho, foi preciso viver um processo muitas vezes bastante tumultuado, como afirma a diretora Edmeia:

Em outubro de 2006, começamos... Aí, era um caos, porque a gente não sabia como é que era, não estava formatado, era uma experiência mesmo, sete escolas só na rede, não tinha espaço externo, os meninos faziam uma zoeira na escola, os professores caíam matando, porque era bagunça demais, que eles não tinham horário de almoço para descansar (...) e eles ficavam uma fera com a gente (...) Mas fomos e conseguimos um espaço da Igreja Viva aqui da frente. Eram 100 alunos e chegamos no final do ano, aos trancos e barrancos. Sofremos muito. Tínhamos só agente cultural, não conseguimos bolsistas, não! Os meninos faziam bagunça, toma que é da Integrada. Até a gente desenvolver essa cultura que o menino não é da integrada e sim da escola, que é bom, que todo mundo tem que dar conta, não foi fácil. No ano seguinte a L. (professora comunitária) continuou e conseguimos ampliar para 200, mas ainda muito precário. Entrei na direção da escola, novíssima na direção, não sabia nada quando assume um projeto desse tamanho, com tanta criança. Então, em 2007, a professora comunitária trabalhou praticamente sozinha, eu não dava conta de ajudar - essa é uma avaliação que eu faço que não foi legal e, aí, a gente não conseguiu construir a relação de escola com a Integrada.

Hoje esse período foi superado e a escola consegue desenvolver o programa da Escola Integrada de forma integrada, ou seja, como uma proposta da escola como um todo e não como se existem duas escolas em um mesmo espaço. É o que explica a professora Socorro, uma professora comunitária:

Vê, quem vai fazer esse gancho de vir da escola regular de manhã para a integrada? E vem. Nós temos o A., professor de História, que viajou com a gente, falou do 3º ciclo da escola regular e da Integrada, participou com a gente...

Essa integração é percebida, por exemplo, no uso dos espaços. A sala de professores é ocupada tanto pelos professores como pelos agentes culturais, que são vistos como educadores da escola e não só do programa Escola Integrada. A integração entre professores do turno regular e agentes culturais foi um processo construído pouco a pouco, conforme revela a professora Socorro:

falar que foi fácil, não foi... agora, mudou: entrou gente nova na rede, na escola, quem já está há muito tempo, mudou também o olhar... falar que dá certo, dá! Eu acredito muito no programa... no começo achei que não dava conta, não! Aí começou com o lanche coletivo, os primeiros a fazer aqui na sala, convidei os professores que quisessem participar, trouxe alguns para cá primeiro - foi um caminho, certo ou errado, foi o meio que encontrei, Quando vi que estava um grupo maior aí levei para a sala dos professores. Acho que isso deu certo, também, porque tive um apoio muito grande da direção, (...) da secretaria, as meninas da coordenação - são parceiras demais da conta.

Também os agentes culturais percebem esse processo de interação com os professores como um processo construído ao longo do tempo:

Uma professora me falou que hoje ela tem outra visão e que, no início, ela criticou e hoje está vendo o bem que fez para a escola, que já está integrado, todo mundo

Tinham aquela imagem na cabeça: o que esse pessoal está fazendo aqui? Viram que a gente trabalha tanto quanto eles, aí eles começaram a abrir

Acho que a partir do momento que teve uma participação maior da coordenação que colocou para os professores o que é a integrada para a escola, qual a sua importância, os professores assumiram...

Há também uma compreensão de que o apoio da direção foi fundamental para essa integração:

Eu falo assim: o que fez dar certo no projeto da escola integrada é a escola ter aceitado o projeto, o maior problema é a escola não aceitar, a comunidade não aceitar. A comunidade abraçou os menininhos. O que mais observo é a diretora, a coordenadora terem aceitado, dá muito mais respaldo para a gente, mais apoio.

A interação também acontece na hora da alimentação. A escola disponibiliza para os alunos café da manhã assim que eles chegam, almoço e um lanche na parte da tarde, e não são só os alunos que participam da escola integrada que podem comer, todos os alunos que quiserem podem tomar café e almoçar na escola. No café, são os funcionários que servem os alunos, já o almoço funciona no regime de *self service*, em que os próprios alunos põem a quantidade de comida que desejam e escolhem o talher a ser utilizado (garfo, faca e colher). Vale a pena ressaltar que não há desperdício e nem bagunça no refeitório.

A maior interação, na perspectiva da escola, acontece em relação ao currículo integrado. Muitos projetos são desenvolvidos com alunos da Escola Integrada e alunos de um ciclo da escola, ou com a turma de origem dos alunos da Escola Integrada. Há, assim, propostas que envolvem turmas distintas e, inclusive, os dois turnos da escola. Mas isso foi conquista recente, como relata a professora Socorro:

No ano passado, demos conta de integrar os professores e os estagiários, mas os projetos não! Aí esse ano eu consegui: arte barroca, consciência negra, geografia, vamos indo, caminhando.

Também os agentes culturais ressaltam essa conquista:

o trabalho de Ouro Preto, é uma vitória da ... a Integrada e o professor de História trabalharam juntos ... é uma conquista, hoje a comunidade ... é uma conquista; hoje os pais vêm aqui procurar a escola para colocar os filhos, os próprios alunos estão divulgando... mudou muito

A interação com a comunidade, com o bairro, é outro aspecto a ser destacado na experiência da EMPF. Como está localizada em um bairro de difícil acesso, de relevo bastante acidentado, com muitas subidas e descidas e com poucos equipamentos públicos, como parques ou praças, a questão do deslocamento foi um desafio a ser superado.

Mas como tudo na escola, a relação com a comunidade também foi um processo construído ao longo do tempo, conforme relato da professora Socorro:

Mas a comunidade resistiu muito, que quebra Igreja, portão que faz barulho na rua, então foi um desafio também a comunidade: "A integrada vai passando, fecha a porta". A comunidade católica fechou as portas e o dia que fui pedir reunião com o padre e disse que eu como católica me sentia envergonhada de uma Igreja que fecha as portas, que Igreja era essa?! Aí no outro dia estava a porta do pátio de cima, do pátio de baixo tudo aberto para nós. O que me chamou mais a atenção é que a mesma comunidade que resistiu começou a mudar o olhar mesmo. Primeiro foi um piquenique: a gente levava violão, flauta, para naquela porta e toca alguma coisa; do lanche chama o pessoal e oferece. A comunidade reuniu e já tem canteiro de horta, canteiro de jardim: ali onde tem parada, apita e para, sabe que tem que parar; o pessoal mais velho se reuniu, recolheu o lixo e fez alguns banquinhos, para os meninos sentarem. A questão da integrada (...) mudou a cara da escola, da comunidade, do pessoal da igreja também.

Hoje, para a realização das oficinas, são utilizados os espaços dentro de própria escola e outros que são alugados como a Igreja e umas casas, que ficam distantes da escola. Os alunos têm que ir a pé para esses locais, já que a escola não possui nenhum meio de transporte para levá-los. Como disse a professora Socorro, a própria comunidade organizou espaços de descanso para as crianças e adolescentes, construindo bancos embaixo de uma árvore, para ser a primeira parada. Na segunda parada, uma moradora do bairro espera os alunos com copos e uma jarra de suco para refrescar em tempos de calor.

Os pais participam também dos eventos ocorridos dentro e fora da escola. No começo do programa, ainda eram resistentes e achavam que não iria dar certo. Para eles, o que interessava era um lugar em que os seus filhos pudessem ficar o dia todo, para que eles fossem trabalhar e, dessa forma, os meninos não fossem para a rua. Porém, com o passar dos anos, foram percebendo como a escola estava crescendo e fazendo bem para seus filhos, e hoje acreditam que a escola é um local onde as crianças estão em segurança e aprendendo coisas diferentes e de uma forma lúdica que chame a atenção.

É o que revelam os pais nos seguintes depoimentos:

Eles saíam da escola e continuavam aprendendo, sem aquela tortura de ficar sentado, sem ficar escrevendo, era brincando... aprendia sem ser aquela brincadeira exagerada, correndo solto por aí, sem ninguém para olhar. (Mãe de aluno)

Eu acho interessante a horta, né?! Eles trabalham com a terra, valorizando de onde sai... Sem falar das oficinas. Igual minha filha, ela tem 12 anos e já

sabe mexer no computador, tudo que aprendeu aqui – já sabe colocar um programa, entrar na internet, sabe fazer uma pesquisa. Para mim foi muito bom, gratificante! (Mãe de aluno)

O meu, eu coloquei na integrada porque estava percebendo que ele só ficava no videogame; agora percebi que ele está almoçando melhor e se ficar em casa vai ficar jogando videogame e não vai comer. Era eu sair, ia colega lá para casa ou ele ia para a rua jogar bola. Eu perguntei se está gostando, ele me disse: mais ou menos; estou gostando e meus amigos também. (Mãe de aluno)

Não só o espaço do bairro é ressignificado. O espaço da escola também ganha outras dimensões e passa a ser um espaço público, de circulação de todos. Os alunos têm total acesso a espaços como a sala da coordenação, entram e saem de lá a todo momento.

Isso acaba estabelecendo uma relação de confiança e de cuidado. A horta e o jardim da escola não são cercados. Os alunos sentem-se responsáveis por cuidar do espaço escolar e isso acaba refletindo também fora da escola, como nos revelam estes depoimentos:

Aprenderam a plantar nos vasos, colocar as pedrinhas... hoje já estamos fazendo o jardim e está tudo conservado...Aprenderam aqui dentro a respeitar a natureza...(Funcionário da escola)

Meu filho foi outro dia para casa falando "não pode estragar o meio ambiente" e me repreende, fala com a avó, cobra da gente. (Mãe de aluno)

Com a criação das oficinas, muitos alunos melhoraram seus resultados no turno regular, talentos foram descobertos, notou-se uma mudança significativa nos alunos, eles ficaram mais participativos, mais autônomos e mais afetivos. É o que se pode perceber nos seguintes depoimentos:

Pois eu mesmo quando ouvi falar de escola integrada vai ser para o aluno vir para cá (...), fazer dever. Só que quando a gente trabalha a gente vê que as atividades que são desenvolvidas é para essas crianças viverem em grupo, a sociedade vive em grupo, a gente cria líderes, crianças que têm liderança, autonomia, crianças autênticas, artistas, que cantam muito bem, escrevem bem, desenham muito bem e que se fossem ficar 4 horas, no meu ponto de vista, a gente não descobriria essas crianças. Dançam muito bem, mas não vão tão bem em Matemática, nenhum ser humano vai ser bom em tudo, pode ser péssimo em Matemática, mas excelente cantor. Eu pude notar o interesse deles em fazer o melhor para mostrar para os colegas e dizer: eu aprendi, isso eu fiz na minha escola. Igual quando a gente recebeu os alunos de Itabira, eles falando: essa escola é boa, quero estudar aqui, porque na minha escola não tem isso. Então, o aluno dança, brinca e eu acho bom. Às vezes nós temos que fazer o papel de pai, pois tem criança que chora, aquela que é mais tímida, mas se a gente trabalha, ela vai falar melhor, tem essa rede de apoio. Tem criança que quando chega aqui fala: fica longe de mim e hoje ela já chega, conversa e começa a me perguntar, vejo a criança diferente. Acho muito válido, muito bom. Dá gosto ensinar aqui. (Funcionário da escola)

Pelo que vivencio aqui é a integrada que faz, que fecha o círculo, cabe dentro da escola integrada, dar um pouco do letramento, suporte ao conteúdo trabalhado, mas não é isso que vai garantir – porque o aluno não aguenta 9 horas vendo a sala de aula fechada, nenhum ser humano aguenta e os

oficineiros da escola integrada vão, através do xadrez – uma atividade no quintal, com suporte da Igreja – dar suporte para uma aula de matemática e nem todo professor de matemática vai ter a formação de xadrez. Então é um auxiliando o outro. Uma aula de artes vai dar suporte para a produção de texto. É um auxiliando o outro, não é competindo.

O que gosto muito na escola integral é a convivência de pessoas, dos adolescentes, de se envolver com os meninos pequenos, acho muito legal. É difícil por todo mundo numa mesma escola – acho bem todos lá na quadra, os pequenos e os grandes, acho o maior barato, uma mistura de raça, de cor, de cabelo ruim e cabelo bom. (Mãe de aluno)

A experiência da Escola Integrada, na Escola Municipal Paulo Freire, parece que caminha na direção de se construir uma educação integral na perspectiva freiriana.

Alguns pontos nos chamaram atenção, durante a pesquisa de campo, entre eles destaca-se o fato de os agentes culturais serem reconhecidos como profissionais da escola, tendo seu espaço e o respeito dos professores do turno regular. A direção e coordenação juntas dão total apoio e se envolvem muito em tudo o que está relacionado com a escola integrada. Há também grande participação e interação dos funcionários com tudo o que acontece. E, apesar de todo o trabalho e muitas dificuldades, o clima de alegria e de companheirismo transparece na fala de todos:

Alegria. O que é integrada para você? É alegria de estar aqui, de compartilhar, de troca. O que esses meninos ensinam em termos de solidariedade, de vencer, se vê a questão do abandono e quanto eles conseguem sobressair dentro da escola, através da arte, da música. A integrada oportuniza muito isso, as inteligências múltiplas. O aluno que não dá conta de produzir um texto, ilustra através do desenho, do grafiti, do jardim, da escultura, da dança e isso não tem preço. Temos o R., que é de inclusão, ele se forma agora, e daí dá aquela sensação: vai dar conta, lá fora? Nós não vamos estar lá... o poder, né?! Aí, um dia ele chegou e estava falando sem parar e eu – R., pelo amor de Deus, estou cheia de coisa...e ele: você me ensinou falar, agora tem que me aguentar!

3.4 – Avanços e desafios

Alguns aspectos da experiência da Rede Municipal de Belo Horizonte revelam uma concepção de educação integral que procura articular a experiência escolar com a vivência da cidade, buscando viver a cidade como educadora. Nesse sentido, podemos perceber muitos avanços e também muitos desafios nessa experiência, entre eles:

3.4.1 – O acesso aos espaços culturais da cidade

A Escola Integrada procura interagir-se aos espaços culturais da cidade, criando possibilidades para que as crianças, os jovens e os adolescentes possam ter acesso aos espaços culturais de Belo Horizonte, sejam os localizados nos próprios bairros, como os Centros Culturais e Pontos de Cultura, como os que são referência cultural, como o Palácio das Artes e o Museu Inhotim.

O entendimento de que uma política cultural para a infância e a juventude é um dos elementos fundantes de uma política de educação integral fez com que a Secretaria

Municipal buscase conhecer qual o consumo cultural dos estudantes, suas famílias, além dos professores e diretores das escolas, como nos explica a professora. Macaé:

Estamos fazendo também uma outra coisa: a Vox Populi está terminando para nós uma pesquisa sobre o consumo cultural de professores, estudantes, diretores e coordenadores das nossas escolas. Estamos fazendo essa pesquisa e outra dos espaços culturais em BH e do consumo cultural de crianças e adolescentes. E por que essas pesquisas? Porque cada vez mais a gente quer estreitar essa idéia de que cultura, conhecimento e educação têm que andar articulados: a idéia é que essas pesquisas nos deem elementos para pensar a formação dos gestores, da direção das escolas pensando mesmo nesse foco da escola como uma âncora, um cenário de articulação das políticas culturais, dos diretores como gestores de políticas culturais porque a gente acha que isso é uma questão fundamental: o que a gente tem de oferta e como os estudantes garantem essa oferta? Acaba que o programa provoca um outro tipo de discussão muito forte, por exemplo, uma agenda dos equipamentos culturais para a infância – qual a agenda pensada? Porque se tem uma série de espaços, museus, teatros, centros culturais na cidade, mas não é pensado do ponto de vista de um recorte para a infância. E nessa pesquisa enfatizamos muito a educação infantil.

Buscando essa interação, o programa fez uma parceria com o museu a céu aberto Inhotim⁷. A perspectiva vai além de uma visita, como explica a professora Macaé:

No Inhotim, nós temos 3 módulos: no primeiro, eles vão – crianças, professores e agentes culturais, as crianças passam por formação e os professores também têm uma agenda de formação; as escolas que desenvolvem projetos na área podem fazer um 2º. Módulo de ida a Inhotim para apresentação de seus projetos, para desencadear outros cenários, para aprofundamento. e então, a gente também está tentando construir com o Inhotim a idéia de um percurso educativo que não fique só na primeira visita ou que se possa construir perspectivas diferentes de ida e volta para avançar em diferentes aspectos da formação das crianças.

Também a professora. Neusa, em sua entrevista, ressalta a importância dessa interação entre a cultura e a educação:

Quando eles saem, vão para parque como o da Mangabeira, às vezes no teatro, cinema – frequentam muito... estão agendados direto programas tipo sítio, FAN(Festival de Arte Negra). A gente tem uma parceria na Secretaria Cultura com uma pessoa que é responsável por possibilitar vários espaços, levam atividades na escola.

3.4.2 – Ações intersetoriais na política pública

⁷ O instituto Inhotim, localizado em Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte, caracteriza-se por oferecer um grande conjunto de obras de arte, expostas a céu aberto ou em galerias temporárias e permanentes, situadas em um Jardim Botânico, de rara beleza. O paisagismo teve a influência inicial de Roberto Burle Marx (1909-1994) e em toda a área são encontradas espécies vegetais raras, dispostas de forma estética, em terreno que conta com cinco lagos e reserva de mata preservada. O Instituto Inhotim, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP, além desses espaços de fruição estética e de entretenimento - que lhe garantem um lugar singular entre outras instituições do gênero - desenvolve também pesquisas na área ambiental, ações educativas e um significativo programa de inclusão e cidadania para a população do seu entorno. Disponível em <http://www.inhotim.org.br/>, acessado em 25/06/2010.

A concepção de cidade educadora acaba gerando a necessidade de uma rede de atendimento na cidade, a partir de uma política intersetorial, como ressalta a professora Macaé:

Outra coisa, ele (o programa Escola Integrada) força, de certa forma, o próprio município para além da Secretaria de Educação a desenvolver no território uma série de intervenções, que é esse conceito de cidade-educadora: que fazer educação de qualidade não é só uma política de educação escolar, a gente precisa trabalhar com outros setores – por exemplo, quando as crianças começam a transitar no bairro, um lixão que está do lado da escola passa a incomodar. O engraçado é que ele sempre esteve do lado da escola, mas até a escola integrada ele não incomodava – as crianças sempre passavam por ele indo e vindo da escola; mas é que ele deixa visível uma série de questões no território em que as crianças estão inseridas e todas as instituições se sentem responsáveis, torna-se um marco que está lá no Estatuto da Criança e do Adolescente que é de pensar a educação e a proteção integral da criança e do adolescente. Que a escola é fundamental nessa rede, mas que tem outros atores que precisam atuar – os centros culturais, dos espaços BH da cidadania, que são espaços da área da política social porque vão se abrir às crianças da escola integrada, de ONGs e de uma série de apoiadores que nós vamos encontrar na cidade e que um programa dessa natureza permite que essas pessoas apareçam. Nesse sentido de ser democrático, porque permite às nossas crianças estarem em espaços que até então não seriam pensados. Então, o programa em si representa para o poder público um desafio muito grande que é essa necessidade de uma ação intersetorial nos territórios e ao mesmo tempo convoca as universidades.

Essa política intersetorial aparece também no cotidiano das escolas, já que há uma parceria com a Secretaria de Abastecimento para que as crianças e jovens da Escola Integrada possam fazer três refeições na escola. O fato de o programa criar essa necessidade não significa, necessariamente que tal intersetorialidade esteja de fato ocorrendo. Ela é apontada pela professora Neusa, ainda como um desafio para se efetivar uma política de educação integral na cidade, destacando, inclusive, um retrocesso nesse processo:

Até o ano passado, a coordenação geral do programa ficou sob responsabilidade da Secretaria de Planejamento, mas hoje não é mais assim, infelizmente, porque, se você quer que seja um programa da cidade e está em outra instância que não na Secretaria da Educação que seja mais próxima do prefeito, eu acho que a possibilidade de se promover a intersetorialidade é maior. (...) Me lembro que quando o programa começou, sobretudo em 2007, a gente tinha um coletivo com outras secretarias, eram parceiros dentro da própria prefeitura, era gente de regional (...) , BHTRANS, Secretaria de Abastecimento, Prodabel – a gente se reunia e discutia a responsabilidade de cada um desses setores com o programa e que hoje em dia não é mais possível e eu, pessoalmente, acho que foi uma perda para gente. Hoje busco essa interlocução como coordenadora dentro de uma Secretaria, mas não é entre iguais.

Essa dificuldade de se estabelecer uma rede de proteção para a criança também é sentida na ponta, como podemos ver pelos depoimentos dessas professoras comunitárias:

Eu vejo falhas nisso, uma falha burocrática, um processo lento que você custa a tomar posse daquilo, você luta sozinho para levar aquele problema e ter um retorno rápido. Na semana passada, na Regional Centro-Sul, a gente estava falando exatamente sobre isso. Tinha o pessoal do programa de violência e esse pessoal é como um canal em que a gente consegue perceber um punhado de violência, onde chega tudo (...) eu acho que precisa de mais dinamismo nessa questão (Professora comunitária)

Muitas vezes, uma mesma criança demanda várias instâncias de atendimento, e a mãe, o irmão também precisam de médico, a mãe precisa de educação porque agride a criança – é muita coisa para resolver, para ajudar e demora mais do que um ano. (Professora comunitária)

3.4.3 – Os espaços do bairro como territórios educativos

Fica claro na fala da professora Macaé, que o programa não se limita aos muros da escola, buscando outros territórios educativos:

Só para dar um exemplo de uma preocupação muito grande que a gente tem trabalhado que é a articulação muito forte da educação com a cultura. Mas para que isso aconteça de fato é preciso trabalhar muito fortemente na perspectiva da vinculação com o território, mas também com a cidade – que hoje tem espaços importantíssimos de apropriação pela infância e pela juventude que a gente não precisa fazer isso só dentro da escola, eu preciso de espaço como um museu – como é Inhotim que é de arte contemporânea que tem uma agenda para a infância e que se constrói institucionalmente, pensando numa agenda para a infância, a partir de sua identidade. De museu e, agora, também de Jardim Botânico também sendo pensada uma agenda para a infância; mas posso falar também do Museu Abílio Barreto, do Museu de Artes e Ofícios e de espaços do território, como Casa de Capoeira, com mestres que sentam aqui com a gente e querem discutir muito essa questão do que é a capoeira na escola, mas qual o significado de você receber um aluno na casa do mestre, que é uma outra lógica de apreensão da capoeira dentro do significado de memória, história, de vinculação com as raízes. Esse debate é muito importante quando se pensa num programa de educação integral que se propõe a estabelecer vinculação com a cidade e que determinados saberes não estão só dentro da universidade.

Mas se a cidade é vista como educadora, o bairro é compreendido como território educativo, como destaca a professora Neusa:

É concepção, do bairro-escola mesmo, a gente trabalha com isso. A gente quer que se dê nesse território, constituindo um território educativo – os alunos trabalham muito nesse sentido de demarcar esse território, esse percurso educativo, por onde circula para a aprendizagem. Muitos desses espaços já estão modificados, alterados por esse uso: pintam as paredes... é um objetivo do programa, esse diálogo com a comunidade tanto na cessão e uso dos espaços, é aquele território que educa, até para ela estar reconhecendo que sozinha não pode mais, que é preciso que se forme essa rede e ampliar esse território, para poder dar conta de atender esses meninos, tanto no espaço físico quanto no potencial educativo. A gente tem relatos de pessoas que cedem não só cedem, mas também contribuem com a escola – vamos até fazer um prêmio simbólico para parcerias.

Ainda segundo a professora Neusa, esses territórios educativos definem, em muito, “a cara” do Programa em cada escola:

A gente quer pegar todas as possibilidades de espaço físico e transformar em espaços de educação. Eu digo que é o território que dita a cara do programa, vai depender muito dos espaços que se tem.

A questão dos espaços aparece, assim, como um grande desafio para as escolas, como destaca uma professora comunitária:

É preciso que o espaço físico seja também bacana, de acesso, de clareza. Acho que o grande desafio da escola integrada hoje é proporcionar espaços adequados para aquela oficina. A prefeitura tem que nos ajudar nisso, garantir.

Esse também é um dos desafios apontados por uma das pessoas da equipe da Secretaria que acompanha o Programa:

esse é que é o problema. Não tem como: você vai olhar uma casa, ela tem uma sala que comporta 10 alunos, não dá uma turma, chega num quarto que se colocar 20 meninos é muito, então esse tipo de casa é pequeno demais – então o lugar mais visado é o que? é igreja, é campo – mas se chove não tem como... (...) mas só quadras – então dia que chove não adianta ir para lá. (...) são quadras, abertas, só tem a casa lá de uma ONG, que ela usa, mas que comporta no máximo 50 alunos, mas está atendendo 150. A escola é mínima, a biblioteca não comporta mais que 50, então, quer dizer, fica tumultuado, difícil. Tem lugares que tem mais facilidades e outros mais...



Foto 4: Atividades alunos Educação Integrada. (Arquivo PBH)

Assim, para um programa que se propõe sair dos muros da escola e ocupar a cidade, o debate sobre espaços educativos, tanto os escolares como os da própria cidade, aparece como um dos seus principais desafios. Mas, como mostram estes relatos, já é possível perceber um grande avanço:

quero que as crianças se apropriem dos espaços que têm... não tem parque, não tem clube, não tem nada; tem a rua e alguns passeios e algumas pessoas, alguns idosos, xingavam, reclamavam, então a briga foi com a comunidade mesmo e hoje a gente vê o lado contrário, não é mais uma via de duas mãos, os meninos conquistaram isso... os moradores não põem mais lixo na rua, recolhem e levam para o depósito, então acho que mudou muito essa cara da rua, da apropriação dos espaços... É a escola integrada mesmo, no território. (Professora comunitária)

Eu queria falar um pouco sobre o que a gente vê aqui no bairro. Lá na escola a gente tem vários projetos, um deles que começou ano passado e continua neste ano é de Grafite, de artes (...) a gente não trabalha dentro da escola, mas no Centro Cultural que fica perto e para chegar lá é uma subida grande. A professora de artes faz o grafite em todos os postes. E o ano passado a tinta já estava ressecando nos postes e os professores resolveram fazer outros desenhos nos postes de novo. E quando a professora foi fazer esse desenho, inclusive eu estava lá, subindo para o Centro Cultural, e ela estava com uns 4 alunos, e uma pessoa da comunidade chegou e falou para ela: não apaga não porque os desenhos estão muito bonitos no poste. Quer dizer a própria comunidade não queria que tirasse o desenho. E a professora explicou que iam apenas refazer, porque o desenho já estava velho, desgastado da chuva e do sol. Aí a pessoa entendeu. Isso mostra que a própria população já estava tomando aquilo lá para eles. (Agente cultural)

3.4.4 – A construção de uma rede de parcerias

O programa Escola Integrada procura criar uma gestão territorial da educação, envolvendo a escola com várias instituições e organizações da sociedade civil. Essa rede de parceiros, para possibilitar um trabalho mais integrado, é um dos grandes desafios do Programa, como nos coloca a professora Macaé:

o primeiro grande desafio que o programa da escola integrada coloca para a instituição escolar é de pensar em uma gestão territorial da educação, pensar a escola dentro de determinado território, compondo uma rede de educação integral com várias outras instâncias também educativas que você tem na comunidade: como centros culturais, espaços vinculados à política social – como o espaço BH de Cidadania, clubes públicos – que não temos essa tradição em BH como SP que tem uma enorme rede – e que com a escola integrada a gente garante que muitas crianças que não têm nenhum meio, possibilidade de acessar um espaço público, passem a acessar por meio dessa parceria, dessa articulação, com a escola, mas pensar uma gestão, uma responsabilização pela infância e pela adolescência dentro de um território e isso compartilhado com várias instituições, por exemplo, o centro de saúde com a escola, esse é um desafio enorme para uma instituição que muitas vezes não consegue se integrar internamente.



Foto 5: Visita ao teatro- Escola Integrada. (Arquivo PBH)

As universidades são parceiras privilegiadas do projeto, como nos conta a professora Macaé:

Em BH, muitas pessoas se surpreendem com isso e acho que temos que destacar: é muito difícil você ter uma rede pública, um sistema, que consegue

estabelecer uma relação com instituições de ensino superior e nós temos, em torno da escola integrada, 11 instituições de ensino superior que são parceiras e com isso mais próximas: entram dentro da escola pública, trazem questões, fazem pesquisas, apontam problemas, mas que a gente mantém um espaço permanente de diálogo, debate e de enfrentamento mesmo, posições, opiniões, conflitos são colocados, compartilhados e debatidos – essa experiência é muito relevante e não é resultado só de uma ação da prefeitura, mas tem uma consciência na cidade de várias instituições, dessa rede toda que tem essa perspectiva de que é possível a gente trabalhar junto para construir um cenário melhor para a educação nessa idade. É um amadurecimento mesmo, não é uma questão da prefeitura, mas do município de BH

É importante salientar que estudantes universitários fazem parte do quadro de educadores da Escola Integrada, coordenando oficinas nas escolas, o que acaba fazendo do Programa um espaço de prática de ensino para esses futuros educadores. Como desafio, fica a necessidade de um acompanhamento mais perto, entre professores comunitários, universidades e monitores. O trabalho acaba ficando muito solto, sem planejamento e os monitores ficam inseguros.

Também os programas do Ministério da Educação, como o programa Mais Educação e de outros ministérios como o programa Segundo Tempo, do Ministério dos Esportes, passam a fazer parte dessa Rede:

A gente está até utilizando do Mais Educação, porque ele abrange mais.(...) Eles têm um leque maior de abrangência e a escola define. Nós temos 54 escolas que estão no Mais Educação (...); em 2010 estou pensando em colocar todas as 99 escolas (Professora. Neusa)

Essa articulação também se torna um desafio quando se pensa internamente a escola, ou seja, quando se busca uma interação entre a Escola Integrada e o currículo da escola.

3.4.5 – A interação da Escola Integrada ao Projeto Político Pedagógico das escolas municipais

Um dos grandes desafios da Escola Integrada é deixar de “ser uma outra escola dentro da escola”. A falta de articulação com o restante da escola é ponto ressaltado pelos agentes culturais e professores comunitários:

Eles (os professores) falam que a escola integrada é a “escola desintegrada”, a “escola estragada”, então a gente se sente como se fosse uma coisa ruim... desvalorizam muito as crianças e eu acho que os meninos depois que entram na escola integrada melhoram muito, muito (Agente cultural)

Quando dá tudo certo é responsabilidade do turno regular, quando tem algum problema é das oficinas (Professor comunitário)

A questão da articulação entre os turnos é um aspecto que, para a professora Macaé, reflete um problema anterior ao aparecimento da Escola Integrada:

Porque, objetivamente, escolas que têm um projeto pedagógico já mais articulado, integrado, entre os diferentes turnos e modalidades de ensino, são escolas que também preveem educação e conseguem produzir uma maior

articulação e integração, tanto do ponto de vista curricular, quanto dos profissionais e das atividades que são oferecidas na educação integral. Por outro lado, quanto mais a escola já é, em origem, fragmentada do ponto de vista de seu projeto pedagógico, você tem mais distinção entre um turno e outro, independente da educação integral. Eu acho que essa mesma fragmentação vai se refletir nessa articulação da educação integral – esse é um ponto importante para se considerar. A escola que já tem uma base mais orgânica na sua atuação, ela consegue novos atores, novos espaços, articulação comunitária, ela consegue fazer isso com uma maior efetividade.

Apesar das dificuldades, já se nota um avanço na relação entre os professores e os monitores, agentes culturais e estagiários da escola integrada, como revelam esses depoimentos:

Tem hoje professor de Geografia que sai da sala de aula e vai para o quintal da casa do monitor da integrada para conhecer. (Professor comunitário)

Agora que começaram a olhar para a gente e prestar a atenção e até mesmo a trocar idéia – pedindo para ajudar tal aluno que está com dificuldade. (Estagiário)

Agora que melhorou e começaram a chegar um pouco mais na gente (Estagiário)

3.4.6 – Os educadores dos projetos: os professores e a presença de novos perfis profissionais

A Escola Integrada trouxe um debate para a Rede Municipal acerca dos profissionais da educação e de suas condições de trabalho.

Uma primeira discussão relaciona-se ao professor de dedicação exclusiva, com 40h semanais em uma única escola. Esse debate, segundo a professora Macaé, precisa ser enfrentado e toca em uma cultura profissional já arraigada na tradição educacional de Belo Horizonte:

Nós não trabalhamos ainda com a figura do professor de dedicação exclusiva, nós não temos em BH. Só para ter uma idéia, na rede municipal, em BH hoje a gente deve ter 1/3 dos profissionais que têm 2 cargos de professor na rede, com uma jornada de 22horas e 30; então, as pessoas, elas acumulam cargos, na própria rede ou na outra rede. Então esse debate da dedicação exclusiva e da educação básica deve ter ainda um caminho a percorrer e só para lembrar que a gente construiu isso lá na Constituição, porque a gente garantiu que o professor pudesse acumular dois cargos. Então essa visão do professor da educação básica que tem dupla vinculação, que vai ter duas aposentadorias e do próprio ponto de vista de pensar a questão do financiamento da educação, da remuneração desse profissional para dedicação exclusiva, a gente tem ainda uma caminhada densa quando a gente está trabalhando com um piso nacional de remuneração de 40 horas de mil e poucos reais, o que não é caso de BH, que tem hoje um salário inicial de professor de nível superior de mil e quatrocentos e poucos reais para 22 horas e 30, para o Ensino Fundamental. Mas ainda assim é um desafio para a gente pensar em curto prazo uma perspectiva de uma jornada de 40 horas.

Outra discussão diz respeito à entrada de outros perfis profissionais no Projeto, com a presença dos agentes culturais e dos estagiários. Recebendo uma baixa remuneração⁸, muitos sem curso superior, a presença desses novos perfis profissionais geram estranheza e incômodo entre os professores do turno regular, como nos revela esse agente cultural:

O nosso objetivo é dar apoio; os professores não olham para a gente, acham que a gente não é ninguém. Eu estou há 3 anos na escola e só agora olham para mim, pelo fato de eu estar todo dia lá.

A presença desses novos profissionais é vista como fundamental para a equipe da Secretaria de Educação:

Hoje a gente tem quase que certeza que pensar educação integral é preciso pensar na configuração com outros profissionais além do professor, porque essa experiência tem nos mostrado que é enriquecedor e traz um potencial muito grande para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. É essa perspectiva que o modelo Escola Integrada nos aponta. (Professora Macaé)

A mesma questão dos espaços é a questão desses novos atores, porque a gente já trabalhava com eles há muito tempo atrás. (...) A gente tem que ir trabalhando essas pessoas sem que percam... como o P., ele já estava lá há muito mais tempo, trabalha com os meninos a sua pintura e tem toda uma concepção de um projeto "Favela Bela", da melhoria de lá, mas do diálogo também com os educadores, com a comunidade, no sentido da qualidade de vida mesmo daquela região. Então ele é um educador, tem um vídeo dele que é maravilhoso, que no jeito dele falar, ele fala do trabalho coletivo que é desenvolvido na pintura do muro... o respeito, o que é desenvolver uma tarefa que é coletiva, porque vou pintar isso aqui, junta com o seu para formar um quadro maior. Ele tem toda essa concepção da educação e da arte, não quero jamais que o P. faça um magistério para se enquadrar e virar um professor, quero que faça o trabalho dele e tenha um pouquinho mais da pedagogia.

Em algumas escolas, os agentes culturais já começam a ser reconhecidos e aceitos pelos professores:

Antes os oficinairos não entravam na sala dos professores e hoje não existe amigo oculto da integrada, existe da escola como um todo. Mas foi um processo, para chegar nisso não é fácil.

Assim, a presença desses novos educadores significa a presença de outros saberes, tecidos na prática e na experiência, fundamentais para a concepção que orienta o Programa, como afirma a professora Macaé:

Essa idéia que pensa esse trabalho, a configuração do território, da utilização de outros equipamentos e da incorporação de outros profissionais hoje é necessária à educação integral, a um projeto educativo mais amplo, mais consistente e que tem mais a característica de demanda da infância e juventude desse tempo que a gente está vivendo, de necessidade de circulação, de experimentação, de poder dialogar com outros saberes, não só

⁸ O estagiário da Escola Integrada recebe uma bolsa de R\$ 420,00; e o agente cultural é contratado através da Associação Municipal de Assistência Social (AMAS) com o salário de R\$ 300,00.

aqueles acadêmicos, mas o que também estão sendo construídos na prática, nos territórios e em outras áreas.

3.4.7 – A Educação Integral como direito

Toda a experiência da Escola Integrada parece indicar uma concepção de educação como o direito das crianças, jovens e adolescentes a viverem uma educação integral. É o que destacam os seguintes depoimentos:

Primeira coisa a gente tem que fazer: o debate da educação integral no marco dos direitos, direitos à educação e, portanto, direito a uma educação integral. Quando a gente começou em BH, a discutir no Mais Educação para fazer um documento, que seria inicial para o debate da educação integral no Brasil, uma das coisas que se insistiu muito foi, primeiro, que nesse momento se estava discutindo a educação integral e que primeiro era importante fazer esse marco do direito à educação e que no Brasil, historicamente, a discussão da educação integral sempre foi protelada e que não dava pare se fazer um debate e não se dizer que a educação em qualquer tempo tem que ser integral, as escolas têm que pensar em fazer uma educação integral, porque se está trabalhando numa perspectiva de educação integral. Ainda que a escola seja de meio horário ela tem que se propor à educação integral. (Professora Macaé)

Que é outro desafio grande, porque muitas vezes o diretor de escola, quando ele atende esses meninos em situação de vulnerabilidade, ele acha que já atendeu o que deveria atender e não vê muito essa questão do direito de todos que queiram, independente de ir bem na avaliação. Todos que querem devem ter acesso ao programa. (Professora Neusa)

Garantir o direito a uma educação integral gera, conforme explicita a professora Macaé, reside na necessidade de se construir uma rede para monitorar esse processo, começando pela frequência da criança:

Primeiro é o monitoramento da presença escolar, de responsabilidade da nossa gerência do Programa Família Escola, que acompanha a presença escolar de crianças e adolescentes e tem uma vinculação com os Conselhos Tutelares e com a Procuradoria da Infância e da Juventude e uma ação forte com as famílias, uma ação de mobilização, nós fazemos um Fórum de Família e Escola de debates com as famílias, um fórum setorizado, um fórum pelas regionais, estamos trabalhando com o Comitê de Mobilização pela Educação em BH, numa tentativa de envolver muito as famílias, as organizações não governamentais, a sociedade civil nessa discussão do monitoramento da frequência dos alunos à escola, que é importante e normalmente esta não presença está ligada à infração dos direitos da criança, então onde não tem frequência se tem sonegação do direito à educação, a gente vai encontrar situação de violência doméstica, de trabalho infantil... a não frequência é um indicador de violação de direitos.

Mas esse monitoramento exige uma perspectiva intersetorial:

No escopo do programa de Melhoria da Qualidade da Educação, de monitoramento da aprendizagem, se associa a isso uma série de outras ações: Programa Saúde Escolar, desenvolvido junto com a Secretaria

Municipal de Saúde, que garante o atendimento de todos os alunos do Ensino Fundamental, pelo menos o atendimento por equipe multidisciplinar anual, das unidades de saúde; mas isso se desdobra para o encaminhamento a cinco áreas – oftalmologista, neurologista, saúde bucal, nutrição e auditivo.

Assim, a experiência de Belo Horizonte revela, de forma clara, uma determinada perspectiva de educação integral que procura transformar a cidade em território educativo, entendendo que a instituição escolar faz parte de uma rede de proteção social para garantir, a crianças, a jovens e a adolescentes de Belo Horizonte, o direito a uma educação integral:

a nossa tentativa é fugir dessa idéia de criar uma instituição total, de que ali você provê tudo para uma educação; nós estamos trabalhando com uma outra idéia: de que é possível, sim, a gente trabalhar na perspectiva de construção de responsabilização, de implicação do território e de vincular esses atores. (Professora Macaé)

Mas, como revela esse depoimento, a experiência da Escola Integrada tem garantido o direito a uma educação integral também aos educadores e educadoras do programa:

Nesses 3 anos, eu cresci muito como pessoa e como profissional. Hoje a relação que eu tenho com as mães, com as famílias, com os meninos e com a comunidade, de tanto que eu cresci como pessoa, que eu acho que podia trabalhar mais 20 (anos) e isso não iria acontecer. O quanto a gente cresce, com a proximidade... (Professora comunitária)

4. REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE. Câmara Municipal. Lei Nº 7543 de 30 de junho de 1998. *Institui o sistema municipal de ensino de Belo Horizonte, cria o Conselho Municipal de Educação e dá outras providências*. JusBrasil Legislações. Disponível em <www.jusbrasil.com.br/legislacao>. Acessado em 21/06/2010.

BELO HORIZONTE. Projeto de Lei nº 51/01. *Dispõe sobre a implementação da jornada escolar de tempo integral no ensino fundamental, em instituição de ensino municipal*. Autoria: Vereador Arnaldo Godoy. Aprovado em 2003.

BELO HORIZONTE. Escola Municipal Paulo Freire. *Projeto Político Pedagógico*. Belo Horizonte, MG, 2008.

BELO HORIZONTE. Escola Municipal Monteiro Lobato. *Projeto Político Pedagógico*. Belo Horizonte, 2008.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. *Orientações Gerais para as escolas. Programa Escola Integrada*. Belo Horizonte, 2009. (8 p.)

BELO HORIZONTE. Escola Municipal Paulo Freire. Apresentação Power Point: *Integradas*. Belo Horizonte, 2010.

BELO HORIZONTE. Educação. *Escola Integrada*. Disponível em www.portalpbh.pbh.gov.br/pbh. Acessado em 21/06/2010

www.pbh.gov.br. Acessado em 21/06/2010.

www.educacao.mg.gov.br. Acessado em 21/06/2010.

<http://portalideb.inep.gov.br>. Acessado em 21/06/2010.

<http://www.inep.gov.br/basica/censo>. Acessado em 21/06/2010.

<http://www.inhotim.org.br>. Acessado em 25/06/2010.